

VÍNDALO

uma antologia de poetas

NEOBARRACOS

2ª edição

AMPLIADA





Edições V de Vândalo, 2013

Vinagre: uma antologia de poetas neobarracos

Capa: Diego de Sousa

Obra de organização coletiva, by Os Vândalos

Segunda edição, ampliada



Por uma poética de trincheiras & quebradas: nós, Os Vândalos, apresentamos a coletânea *Vinagre: uma antologia de poetas neobarracos*. Feita por todos. Este trabalho é um trabalho coletivo. A ideia inicial nasceu como gesto público de solidariedade a todos os movimentos de contestação que acontecem simultaneamente no Brasil (& também no mundo). Chamados de vândalos pela imprensa vendida, presos pela polícia por causa do vinagre que portávamos, estamos todos na batalha, na rua. Ação direta. Solidariedade & apoio mútuo.

Esta antologia é dedicada a todas as pessoas que participam de alguma maneira desse movimento de mudança. Até a vitória!

Os Vândalos

إِنْتِفَاضَةُ الْخَلِّ

“Revolta do vinagre”, em árabe. Tradução de Mamede Jarouche.

PRÓLOGO

Para Eduardo Sterzi e Fabiano Calixto

nesse momento nebuloso e inquietante, apenas uma coisa me parece certa: as manifestações não são em nome de um ou mais grupos identitários delineados. não se trata de uma luta para que se possa ser aceito enquanto “negro”, “gay”, “mulher”, “prostituta” etc. não se trata de greve sindical, de “professores”, de “bombeiros” nem de outra categoria de trabalhadores. a luta pelos direitos indígenas (pelos “índios”, portanto), apesar de seríssima, por motivos também óbvios que não vêm ao caso, não recebeu até o momento a mesma visibilidade social do que a que estourou por conta dos famosos vinte centavos. não se trata tampouco de determinações partidárias, ainda que, claro, elas existam. não se trata, portanto, como era de costume acontecer, de fortalecer minorias reconhecíveis (o que seria e, sempre que necessário, é mais do que legítimo) ou um partido político específico.

o que está acontecendo passa por fora disso e, por isso mesmo, é desconcertante, e, por isso mesmo, a violência disparatada da polícia militar, como há muito não se via no brasil em manifestações públicas (não estou esquecendo a violência em geral contra os mais desfavorecidos), com o aval do governo de são paulo e, a princípio, da grande mídia, antes que os tiros de balas de borracha ferissem com gravidade tanto o rosto de uma jornalista quanto o olho de um outro, quase o tornando cego, e a força da opinião pública surpreendente e extremamente vigilante e ativa nas redes sociais os obrigasse a alterar suas posições. talvez também por isso a brutalidade policial em vários casos, mesmo após a manifestação ter sido encerrada, retirando pessoas dos bares para espancá-las, ou para jogar gás de pimenta ou sei lá pra qual outro tipo de agressão física. é qualquer um que está em questão, não importando se jornalista em trabalho, motoboy, estudante, secretária, professor, funcionário público, dono de barraquinha de água de coco, quem quer que seja. qualquer um.

parece que, nesse momento de visibilidade internacional do brasil com as imposições institucionais da fifa, do estado e do poder econômico fortemente aliados, o que está acontecendo pelas ruas do brasil diz respeito a um berro geral para que, com os gastos pessoais do cidadão imensamente ampliados, com os despejos constantes, com as remoções em grande escala, com as desmedidas da especulação imobiliária, com as obras de gosto arquitetônico questionável, com a interferência no meio-ambiente das cidades, o poder institucional/estatal/econômico não imponha consecutivamente sobre as pessoas o que elas não querem sem ser minimamente consultadas nem se sentirem minimamente representadas. há certamente ainda um desconforto imenso da maioria com bilhões e bilhões estarem sendo gastos com obras para os grandes eventos sem que, contrariamente ao que deveria acontecer, a vida dos cidadãos seja beneficiada; antes, elas estão sendo, até o momento, dificultadas. parece estar claro para as pessoas que os investimentos estão sendo direcionados predominantemente para a internacionalização do país e de algumas cidades, portanto, sobretudo, para quem não mora (ainda) por aqui.

o que está acontecendo parece ser um berro por mais possibilidade de decisão das pessoas sobre o destino das cidades e do país, sobre seus próprios destinos, para que elas possam viver um pouco mais de acordo com o que desejam para os lugares que habitam e para si mesmas, com um pouco mais de folga, com um pouco mais de espaço para margens de manobra nas decisões que deveriam ser de fato políticas e, sobretudo, o que não é diferente, na vida mesma. o que parece é que, diante dos bilhões empregados para a copa e para as olimpíadas, o vínculo das instituições em jogo, do estado e do capital, estão retirando um pedaço significativo da vida mesma das pessoas, retirando a saúde, retirando a educação, retirando o lazer, retirando uma mobilidade mais satisfatória, retirando os bens materiais e imateriais, retirando tudo aquilo que, se os investimentos fossem a favor das pessoas, as permitiriam viver em melhores condições. neste sentido, as pessoas estão se sentindo amplamente lesadas. há certamente um hiato tenso crescente entre as pessoas e o poder: o soco do prefeito

do rio de janeiro em um cidadão que o xingou em espaço público e a repressão violenta – defendida pelo governador de são paulo – a quem gritava “sem violência” foram os últimos exemplos públicos urbanos extremados disso. quando o estado parte para a violência física na relação com seus cidadãos, a situação é grave, precisando que algo seja feito.

é curioso e me parece significativo que o estopim da mobilização tenha sido o problema do transporte, da movimentação, como se as pessoas estivessem gritando por não estarem conseguindo se movimentar na vida de modo geral como vislumbram que, com os altos investimentos sendo realizados de modo para elas inteiramente insatisfatórios, poderiam, como se estivessem presas, demasiadamente controladas pela impossibilidade de intervenção no que está acontecendo, como se não pudessem se mover em suas vidas. o que se quer, parece, é mais mobilidade, mais folga, mais espaço, mais intervalo, mais respiração, mais lazer, mais saúde, mais cultura, mais educação, mais, mais, mais, mais... para ficar com o simbólico, o que se quer parece ser uma movimentação de vida mais bem resolvida, que favoreça os cidadãos em uma vida mais tranquila. se os portugueses têm gritado “queremos nossas vidas de volta”, talvez o grito, ainda ilegível, daqui seja “queremos nossas vidas”, já que, no sentido das melhoras da qualidade de vida planejadas pelo governo, muitos aqui só a poderiam ter pela primeira vez.

Alberto Pucheu

*En la lucha social también los grandes ríos
nacen de los pequeños ojos de agua*

Roque Dalton

Resista, criatura.

Torquato Neto

*Face – the enemy
Stare – inside you
Control – your thoughts
Destroy – destroy 'em all*

Max Cavalera

*Paz sem voz
Não é paz, é medo*

Marcelo Yuka

Só quando os homens se reúnem em praça pública há política, que é um acontecimento. Negociação de engravatados em gabinete é polícia (administração, gerência). Política é outra coisa, é gente OCUPANDO a rua. Toda política é ocupação. Ocupação que não leva a uma estabilidade. A posse contra a propriedade.

Alexandre Nodari

São os dados rolando

[rede afora]

ou será *Mallarmé*

ouvindo

alto

na torre

do delicado *Rimbaud*

que poeta

hoje

se faz

com vinagre

& não palavras?

Adalberto do Carmo

BOMBAS explodem
a turma em festa
porque tem passeata

sobre o caudaloso pinheiros
outro rio desliza
rios sobre rios
rios dentro de rios
rides, riamos
ridentes nessa corrente



Foto de Irina Denali, no Facebook

Ademir Demarchi

LEMBRETE

Havia um homem antes da farda:
depois, difícil dizer
visto deste ângulo
a vista turva de gás
confunde a espingarda às mãos, braços, corpo
cabeça.

Havia um homem antes da farda:
depois, difícil
 o amor à ordem,
ainda que caduque e obrigue
a esquecer como basta
o menor dos impulsos para pedra, faca, estilhaço
rasgar-lhe a garganta.

Havia um homem antes da farda:
depois,
 caos, um nada,
anterior talvez à farda
à espera que, de ordem, uma palavra
o preencha,
havia um homem —

esse verso impossível de lembrar,
se a hora não é de poemas, falhando a voz,
o coturno abafando a garganta, ódio
trêmulo na fumaça dos detritos.

Adriano Scandolara

TENTATIVA
para o poeta Pedro Tostes

Eu queria escrever um poema de dor
de lutar
a contar minha peleja
dos dias de sobreviver
meio ao caos

mas, este lacrimogêneo
arde em meus olhos
a confundir minhas retinas

este cacetete feito pelas mãos do trabalhador
tenta a qualquer custo
a bater-me
violentamente batendo
em mim

e, estas balas de borracha
não machucam tanto quanto
saber que homens fardados
não me deixam dizer
muito menos escrever meu poema de dor e luta
e somos da mesma raça
padecentes das mesmas dores
mas, eles fingem não saber disso
então, vêm sem piedade
combater a minha luta
de só querer viver.

Airton Souza

DIZER TUDO

- dizer tudo •
- dizer completamente tudo •
- falar ate a exaustão •
- falar dos negros •
- das putas das bichas e das dores •
- falar das políticas e da economia •
- falar das fomes •
- das misérias e das riquezas •
- falar tudo ate cair e rolar •
- dizer tudo ate o fim •
- dizer em ondas e ondas finas •
- como num mar tempestuoso •
- dizer com raiva com elegância •
- dizer cantando e dançando •
- dizer com alegria e tristeza •
- e continuar dizendo e gritando •
- ate depois da língua e da hora •
- quando tudo se mistura •
- e dizer tudo e novamente •
- como se fosse assim •
- dizer revoltado e seguro •
- e continuar falando e dizendo •
- pra se ter a absoluta certeza •
- de q nada vai mudar •

Alberto Lins Caldas

SONETO VÂNDALO DE VINTE CENTAVOS

ora (direis), foda-se a copa! “certo,
perdeste o senso”. e eu vos direi, no entanto
que para assim gritar eu tenho tantos
motivos, que me alegra não ter perto

de mim uma granada. o peito aberto
e a lágrima escorrendo não é quebranto,
é que tenho passado pelo aperto
de me manifestar onde, no entanto,

não é possível. só porque, “no fundo,
tudo é uma imensa ignorância política”,
ora direis, “que não é nada crítica

a utilização de bombas de efeito
moral e o gás lacrimogêneo é bem feito”.
eu digo: foda-se a copa do mundo.

Alex Simões

(RENDIÇÃO 2.O)

nossos hábitos formuláicos, acordar, dormir
— o horário de ir para o trabalho — de abrir o
armário e juntar os retalhos, vestir-se,
contar os centavos — a vida vista de frente,
preâmbulo, sem ângulos, sem ânimo,
apenas o sarcasmo diário, sem alarde,
sem contraste — café com açúcar;
as ruas assustam — a retina rendida à rotina,
só o cinismo insistindo ainda o dia-a-dia
— o sono no ônibus lotado —
só em certa parcela da vida há vida —
terrível díizimo — uma ilha vitimada
nessa ciranda servil

(MOTIM 2.O)

"às ordens, hei-me!", "às ordens, hei-me!",
ó rei errado! que cansei de estar calado
aos despautérios do patrão!
contra as egrégoras brutais
deste transporte lento, gangrênico:
ergo-me! contra as regras cegas
desse presente de grego, ergo-me!
contra o determinado tédio inédito,
sem término, sem trégua, numa guerra
contra o dono dessa redoma total
cujo domínio sombrio mina em mim
o dom de homem, ergo-me! entretanto
um nome sempre me reencontra: o meu,
tornado mero número no ministério,
na carteira de trabalho, na zona eleitoral,
uma estatística nas fileiras da mídia,
um álibi, "eis-me!", um pobre anônimo,
rasgado e desgraçado, mas apto ao bom combate,
grato pela chance de gritar nas ruas
contra o desrespeito do governo,
nesta câmara de gás lacrimogênio,
lacrada, a que chamamos, hoje,
Brasil ou
rio de janeiro

Alexandre Guarnieri

SOMOS

Somos todos juntos
Em plena separação ímpar:
A casa ao lado é a antessala do meu ouvido.
Na seca e no abismo
Na chuva e no cinismo
Somos ainda uma tonelada de saudades
E desejos incontidos.
Estamos perto e longe,
Amaldiçoamos os ângulos,
Comemos as possibilidades,
Invertemos as formas.
A ferida mais profunda,
É um balé de etnia
Onde fervem e se misturam
Nossos antepassados..
Somos juntos, separados
Somos tanto,
Que EU, TU, ELE, NÓS, VÓS, ELES
SOMOS – SOMOS,
PALAVRA COMPOSTA
A alma decomposta...
Destino de palíndromo.

Alexandre Lettner dos Santos

VENI, VIDE, VICI!

Mostramos nossos cartazes
com revolução nas frases
contra o controle do estado.
Estava mesmo cansado,
como toda essa gente.
Machuca a nossa mente
muito mais do que o corpo.
Não somos um peso morto,
a rua é o nosso porto.
Essa eterna exploração
do povo dessa nação,
vai um dia reverter
com essa gente a protestar.
Ninguém mais vai ser tão bobo
boneco da rede globo.
Há muito eu quero gritar:
Esse mágoa nesse peito
vai hoje reverberar!
Esperamos nossa hora
A luta é a partir de agora!

Alexandre Revoredo

UM FINO TRAÇO de giz
é o marco da minha ânsia.
Recuo de glória preenchida
E um não saber o que fazer com as mãos.
Front vazio.
A roda gira mais uma vez
E a trincheira queima o último grito:
— Abre os peitos covardia!
Tua bandeira sangra
E finca pé na vitória derrotada
Coroam-te ao nascer,
E o que me espanta,
É a serenidade senil
E a fragrância de morte vencida.
O bom jogador arrisca tudo,
A perder também
O pó espalhado e esmiuçado
Se enterra neste chão,
Semente eres, mas não sei qual.
Se mentes eras, mas não sabe mais.
O sino toca,
Não tem ninguém pra ressuscitar.
O galo amanhece um novo dia.

Amandy González

VINTE centavos
uma gota
transborda e
a borracha
o gás
a porrada
não vão cessar
essa progressão
infinita
não vão
calar o que
acordou
não mais
seremos sonhos
de línguas tesas

Ana Lucia Silva

VÊ SE VEM

quando o barulho engrossa
nem me vem com essa
de ficar no canto, tapando os ouvidos

tapar os ouvidos só faz com que
o barulho seja vc sozinho, todo o teu medo
e medo já temos bastante nessa cidade

vem, o barulho tá aqui dentro
sou eu, é vc
ouve, deixa que o barulho seja
a gente toda junta

Ana Rüsché

SOBE A COTAÇÃO do óbulo,
tarifa
do comboio
pro inferno,
o sol
que se põe
pela Paulista
que a poluição torna
necessariamente
vermelho
emoldura um casal de namorados
olha, um ativista
passado
em revista!
indignados, bandeirantes verde-
amarelistas rogam pelo orgulho paulista,
no que começa a garoar:

saliva dos fantasmas dos governadores
– Montoro, Quéricia, Fleury, Alckimin, Serra,
quase todos nas Covas –
pingando sobre essa maquete
que ainda manipulam como enxadristas
em nome da grana, da ordem, das Copas.

Anderson Lucarezi

20 CENTAVOS OU DE QUANTO VALE A VIDA

Dá vontade escrever um hino, um manifesto, um grito
Dá vontade perambular à noite na rua onde a cidade existe
Dá vontade vencer todo o passado cínico de tortura

No entanto, para morar na cidade, a paga é o silêncio bovino
De casa, pra escola, pro trabalho, pro cinema, pra igreja
E pra casa, todos ensinam “pessoas de bem” a agir como presos

Dá vontade convencer todos do óbvio -- do estado de sítio --
Dá vontade cometer sacrifícios pra dar sonho aos filhos de meus amigos
Dá vontade ter mais tempo livre sem permanecer insone em trânsito

No entanto, há uma mordaca e um capitão do mato pra fazer calar
E a elipse do grito vai sem nome e anônimo está o passante
De casa pra escola, pro trabalho, pra igreja, pra casa

Dá vontade escrever todos os poemas porque faz todo o sentido
Dá vontade gritar os versos de improviso e circular o que é sentido
Dá vontade surpreender não pela força mas pelo fugaz delírio

No entanto, a paga é muito mais cara que 20 centavos
E aqueles apresentam 20 centavos não somam
Não andam em coletivos abarrotados, estão surdos, exaustos

Dá vontade esquecer o 13 de junho de 2013 em São Paulo
Dá vontade rever todos os amigos e abraçá-los
Dá vontade acordar a vizinhança inteira

Mas não dá
Mesmo assim, a palavra pode criar a rua e circular os sentidos nas pessoas

André Fernandes

NOME AOS BOIS II OU RENOVANDO A LISTA DOS INIMIGOS

Bonner
Feliciano
Regina Duarte
Serra
Jacques Wagner
Bush
Delfim
Kim Jong-un
Eike Batista
Thor Batista
Willian Waak
Blairo Maggi
Garotinho
Bolsonaro
José Sarney de Araújo Costa
Gutierrez
Todos os Gutierrez
Bashar al-Assad
Luiz Datena
George Bush
Luciano Huck
Reinaldo Azevedo
Phil Knight
Newton Cruz
Sérgio Cabral
Edir Macedo
José Renan Vasconcelos Calheiros
Eduardo Paes
Malafaia
Ustra
Ahmadinejad
Hadad
Alckimin
Jabor

André Luiz Pinto

PEQUENO INVENTÁRIO DAS REVOLUÇÕES

insatisfeito o povo
- espécie, agora, de polvo - articula
tentáculos para abrir
a janela da História

e o ar que entra
queima séculos,
leis decrépitas

incêndio
vingador dos mortos
dos feridos daqueles
que caminharam
tanto acorrentados
à marcha dos acontecimentos

Andréa Catrópa

COROLINDO

(em paz)
o povo
acordou,
(no caos)
o povo
a cor deu

Baga Defente

O GRITO DO SANGUE TUPINIQUIM

Águas de maio de 68 nosso sangue
Barricadas e Bastilha nosso sangue
DNA de Guevara e Cohn-Bendict _
Nosso sangue _ DNA de Graciliano,
Pagu, Oswald. Sangue Tupiniquim
Sangue dos meninos mortos pelo AI-5
Marcha ao ritmo de “Grândola Vila Morena”
Desliza ao som de “A las barricadas”
“Há de ser outro dia”
“Caminhando contra o vento,
sem lenço, sem documento”
E este vinagre nas mãos é tão inofensivo...
O sangue dentro _ este é o estopim e o grito _
Este ninguém tira de nós, ninguém tira de mim...

Bárbara Lia

OPUS OPERA

Opusilânime

O governador é membro
da Opus Dei Cacetada,
Opus Dei Spray de Pimenta,
Opus Dei Tiro de Borracha e da
Opus Dei Bomba de Gás Lacrimogêneo.
Depois de seu impeachment
ele poderia fundar
a Opus Dei Motivo,
Opus Dei chilique,
Opus Dei Mole,
ou Opus Dei Azar.
De todo modo, você já
Opus Deu, Chuchu.

OpuSalmo

É Opus Dando que se recebe

OpuSamba

chegou a hora dessa gente
diferenciada
vândala e
cheiradora de vinagre
mostrar seu valor

Opusalada

a pergunta que não quer calar:
voce é Pimenta ou Vinagre?

Opus Day

Se hay gobierno, soy.... Impeachment!

Já deu, picolé de chuchu.

OpuScience

agora é a PP “polícia pacífica”
contra o VVV “violentos vândalos de vinagre”
PP x VVV
de que lado voce samba?

Opu S. O. S.

EXISTE PAVOR EM SP

Opus Ó pus

Geraldo Alckmin:
pergunta aí como se diz impeachment em Francês.

Haddad:
larga o camembert e pega o avião! Aqui tá Russo, Mano.

Opuscúlo

Será que agora a mídia vai dar a cara a tapa?
Olho por olho de jornalista:
quem é vândalo, os manifestantes ou a polícia?

*

OpusCopa

A Copa das Como fedem as ações

Beatriz Azevedo

20 CENTAVOS

Nina não tem o dinheiro da passagem
Falta grave no ônibus de Nina
Nina deu flores à Presidenta
O gol do moleque foi para Nina
Nina banca a copa do protesto
Roda-viva no canal Brasil
O Brasil tem um coração de passo marcado
Nina quer seu passe livre
Nina pede vinte centavos
Consignado.

Beto Cardoso

MÁCULA

O mundo explode e conexões poderosas apartam a razão dos motivos justos
Como disse Schopenhauer há honra e honras, a mácula incide da maior à menor
E olhar para o entorno desnuda quem descreve o que vê
Já não engolimos centavos de opressão e vejo avanços e limiares se amarem pelas ruas
Não vejo meu amor em meio a fumaça de gás lacrimojante
Sinto sua falta amor revoluto, porém,
Preenchido de vergonha alheia declino de mesquinhas e egoíadas
A odisséia que desorienta nossa humanidade me demove dos queixumes
E saio pra rua pra ser mais um a queimar opressões e lixeiras
Expondo meu corpo ao vinagre da luta

Bettto Kapetita

FRAGMENTOS DE UM BRASIL CONFUSO EM UNÍSSONO

insista o governador
insista a presidenta
não adianta
a verdade
nos representa

os marginais
fecham as centrais
os marginais
são os tais
nem de esquerda
nem de direita
o povo tem o poder
à cabeça

meu canto é simples
mas tá na rua
o poema é pobre
mas causa nobre

manifestação
manifestação
têm vândalos
marginais
delinquentes
heróis da nação
pacífico só o cão
que levou aos olhos
pimenta de outro cão!

- senhor policial
não me leve a mal
mas essa farda
é melhor
pra fantasia sexual
e a bala
só é boa
se for halls

†

A FORÇA bruta assola,

o embate

a voz versus o gás:

à face —

o disfarce, rastro na escrita

descrevo o ato:

a fúria repleta

a decair sobre a cidade;

botas e borrachas

ordinárias sobre a face,

ladra ruidoso: Vil

a escrita nega o fato,

a fatalidade crível,

o limite da fala

ou o limite do dizível —

a linha limítrofe

a cruzar o gás —

um rio não silencia,

não se cala jamais

†

Bruno Prado Lopes

PICHAÇÕES INTERNAS

dentro de mim
cabem muitas mãos de alarde
 muitos monstros covardes
que em gritos impunes de praças públicas
 imploram passagens...

dentro de mim
 cabem tantas gargantas
sangue que corroem ladeiras
 em bandeiras nostálgicas.

dentro de mim cabem muitas mãos
 que devassam muitos labirintos,

em grifos incompreensíveis
na parede
da pele

picho
meu nome
ao dá um grito de terror
na avenida paulista
dos meus desejos.

Bruno Gaudêncio

E NO MEIO DOS protestos
E a polícia com jatos de água
E os manifestantes numa orgia
E no meio do protesto
Uma outra raça dum outro planeta
Baixa sobre a Terra numa nuvem ligeira
E nos entrega um bilhete em português que diz
“Estamos orgulhosos de vocês”

Caetano Minuzzo

GOLIAS BRASILEIRO

O povo é passivo a seu sofrimento
e mantém-se quieto e resoluto
de olhos fechados, dominado

mas a hibernação chega ao fim
ele se levanta de seu sono
e acorda para mudar

o povo é um corpo, um corpo de pessoas
um Davi contra Golias
ou seria Golias contra Davi?
o gigante contra o governo

os filhos do Brasil não fugirão da luta
O gigante acordou e não mais dormirá

Caio Fernando

MARCHA PARA EXU (COM CHEIRO DO PARÁ)

Estrilha no céu, o sol poente,
o mesmo caminho de nossos pés pisando a terra.
Nós e o sol: vivos, brilhantes e cansados.
...e a rua, o rio, a chuva, a cheia
e marcha-se:
marcha-se, marcha-se
marcha-se sobre o chão de belém
marcha o chibé e o pajé
entre a cuia do açaí, a goma do tacacá e o sorvete de uxi
e marcha com oxum toda a ilha do maracujá
marcha-se desde o xingu
marcha-se para exu
e marcham conosco encantados e orixás
ao som de maxixe e xaxado
e fumando o tauari.
e baixo chuva, baixo sol: marcha-se sobre belém com muitas faixas
e pena e maracá
marcha-se desde marabá, bujaru e rondon do pará
e marcha-se, ainda que fosse, por um só carajá
ou pelos esquecidos de xambioá: marcha-se, então, sobre chão carimbado.
Só depois se dança o carimbó, na ilha do marajó.
A chuva cai e o vento lambe o mundo.

Camila do Valle

NO PRÓXIMO "NOVO TESTAMENTO"

em honra ao crucificado
esponjas de vinagre
para os soldados.

Camillo José

RESUMO DA ATA DE ONTEM

Cacos da cornucópia congressista
em torno de quem corrompiam
caquéticos edis bolsas coxas burras
cheias um mol de unhas
vitalícias
quicam no hall festivo a falar
vento

Vez por outra um senador ou
deputado investido e prenhe de pre
rogativas (destes já bem
remunerados de acordo com
o vácuo que ocupam na
sociedade) chora em púlpito
menuda moneda

Um ilustríssimo prego
de bancada roto nos cornos sobe ao
púlpito a pauta: votar mais
cifras ao salário
já gordo e disputado

A cornucópia corruptora gárgula
sem fundo permite
- boca sem fundo -
correr de boca em boca a petição
cara de pau

Um pouco abaixo o escutam
caras paleolisas em pose de gusanos
também à cata de adicionais à sua cota
poupuda

Na cornucópia famélica indecorosa
do congresso escorre sarro
salitre – choro de ventríloco
saliente e quanto mais parla
mente

Cândido Rolim

ADSTRINGE A GOELA

Um brinde acre!

Quando quase podres as uvas nos pés conseguiu-se salvar a safra

os deuses riem lambuzados de vinho
e um rio de lágrimas nos transporta
e palavras escorrem das bocas
 pacíficas
 bélicas
 ávidas

Reluziu numa BOCARRA opulenta
dentes de ouro

Quantas moedicas doiradas engolira o peste?
Quero dentes d'oiro bruto! Pra sorrir feito um sol,
pra beber a vida sem corroer-me
E só me bastam 2 vinténs! Evoé, Oxalá!

Carina Castro

ELE SE pergunta
onde dará essa estrada
Não sabemos
se podemos trafegar ao infinito
Não sabemos
se somos
livres
porque não estamos
enclausurados

E ainda sem saber
nos lançamos
juntos
Sabemos
pela rua, no asfalto
entre palavras fugitivas
infratoras
desatadas de seus esconderijos
das paredes de suas cascas

Carla Kinzo

“X”

“Quem não está confuso, não está bem informado”
Cartaz na passeata de segunda-feira

O governo e os empresários descobrem que não dá mais para tomar decisões sem levar em conta a existência de “X”.

A lógica capitalista diz que só vai negociar com “X” quando não negociar com “X” der mais prejuízo do que negociar com “X”.

Não negociar com “X” começa a dar prejuízo. Os jornais gritam “prejuízo não!” (ah, eles chamam de “vandalismo”).

“X” é o novo parceiro na mesa de negociações.

Com um detalhe: “X” não confia nos outros dois parceiros, nem os chama de parceiros, por certo nojo, e pede encarecidamente que não confiem nele.

“X” quer virar a mesa.

Sem ter produzido um milésimo do vandalismo que os outros dois parceiros já produziram na cidade, “X”, contudo, é quem tem mais sangue nos olhos.

O cartaz nas ruas dizia: “pela livre circulação dos fluxos vitais / pela paralisação total dos fluxos letais”. Gostou?

Calcule “X”.

Carlito Azevedo

MUNIÇÃO

Uma bomba de nada (?)
sem pólvora o alvo espera
uma velha granada
que surge da quimera

Então sejamos práticos
revolução não fará apenas
com palavras de ordem
e flores de plástico

eis a poesia, o vinagre
:vinho agre ou azedo
empunhado pelos fortes
que vão às ruas sem medo

protestam obsessões
como cada palavra posta
fosse uma bala guardada
na caixinha de munições

guardadas e aguardadas
para compor as canções
que acalantarão os corações
dos soldados vencidos, órfãos, traídos...

e dos generais fragilizados
:todos aqueles que permanecerão
ainda com os pés sobre a terra
quando, enfim, acabar
a prometida guerra

Carlos Antonholi

A SOMBRA

Pudesse perseguir uma mulher
Como se persegue um astro,
E perder o caminho
Quase sem deixar rastro.
Porém quando a encontrasse
No mais ocasional acaso
Só sentir distante
Que o corpo é fundo
E que dele talvez não se escape
A não ser com homicídio.
Mas sentir que não existe
Real comunicação entre corpos
Apesar ou por causa da profundidade de um corpo
Ser maior que ele mesmo.
Que eu pudesse sentir isto
E continuar andando a esmo
Cismado com outras coisas ainda.
Por exemplo: um ataque marcial
De formigas em um banco
Ativa uma abstinência insuspeita.
A luz do carro arruivesse
A carreira de formigas no meu braço
(Carapaça satânica)
E agora, por algum motivo não esclarecido,
Fica evidente que a abstinência
É de sexo grupal.
É o corpo ainda, afinal.
Mas sexo grupal de uma espécie
Ainda não classificada, mensurada:
Um jogo de luzes
Nas linhas bifurcadas ou múltiplas
De vôos de hipotéticas aves?
Formigas e sexo grupal,
Ou algum problema social
Grave picando meu braço:
O vermelho do farol do carro
Não desbotou...
Volto a andar e então
Minha caminhada atinge uma consciência
De realidade:
O fantasma do desejo é a sombra
Que caminha em abismo
Com sua sombra única e tão vasta,
Sobrecarregada e coletiva
Como a sombra da noite que tudo encobre.
Meu braço começa, enfim, a arder.

V I M A C R E

P A U!

N A V

I D A

M

O

R

T?

N Ã O!

S[Ó D I O]

C O M O?!DE

LÍRIO? NÃO! O[POVO]

C O M O? sangue.....? NÃO! V I N H O? NÃO!

V I M A C R E.....COMO?

C H Ã O!

N Ã O A I N D A

Carolina Tomasi

CORPO MULHER VOLUNTÁRIO

O nosso escudo não é o Sagrado Coração de Jesus.
É o nosso corpo.

O nosso corpo não é um milagre. É desejo.

O nosso desejo não machuca. É gozo.

No nosso útero apenas nossa política, nossa fé & nossos poemas. Nosso corpo não se inclina para o nojento lambar de botas e para a cruz que mata: o estuprador não será pai.

Nossa certidão tem espasmos voluntários de um agricultor e de uma professora do Brasil.

A cidade está sendo recuperada. Seu corpo é maior e rígido. O Largo atravessa os sinos: o estuprador não será pai, gritamos.

Cecília Borges,

que recebeu o nome de	CECÍLIA RESENDE BORGES. x. x. x. x
nesta cidade de Uberlândia, Estado	
de Minas Gerais, neste Cartório compareceu	IRON BARBOSA BORGES, casado,
agricultor,	
Filha dele declarante e de sua esposa MÁRCIA RESENDE BORGES, pro-	
fessora,	

Cecília Borges

UM GIGA ANTE A CORDA

Já fomos solitários e em redes
Tocando contra todas as paredes
Desse hospício que inventaram para nós.

Já fomos renegados de direitos
E pensaram não haver nenhum sujeito
Que encontrasse nessa horda, ondas de voz.

Já fomos rejeitados pelas políticas,
Mas nunca perdemos nossas críticas
Em vãos que se dispersam em cantos, sós.

Já fomos, até, loucos, insanos, malucos,
Marginais violentos de sonhos e santos astutos
Que mesmo distante de laços soltos, fizemos, nós.

Hoje não existe nenhuma ordem dos desordeiros;
Nenhum líder, nem um poder maior que o País inteiro.

Chris Oliveira

PRETO NO BRANCO

auriverde pendão da minha terra
em que se plantando tudo dá:
palmeira banana sabiá.
ó país do futuro do passado
em berço esplêndido há séculos deitado
não permita Deus que eu morra
de fome sede pancada
se tudo abunda tudo dá:
mata bola bunda...
a nossa é mesmo mais bonita
ou apenas mais barata?
ah os olhos verdes da mulata!
mata, mata, mata
o preto velho
o filho pardo
o índio coitado
a puta-que-te-pariu:

mas por quem serás amada
patriamadabrasil?

Cide Piquet

CAUSA?

você quer uma causa?
não tenho
só um país se acabando
o povo chorando
a vida sem crença
analfabetismo, doença
copas cheias de ilusão
roubalheira, corrupção
você quer uma causa?
só uma?
não tenho
sou multidão
caminhada, confusão
um fio de coragem reticente
se esticando junto com essa gente
que enfrenta soldado, camburão
você quer uma causa?
não tenho
eu só penso
(é)feito

Cinthia Kriemler

BUM!

não há alívio
às vezes penso em externar minha opinião
mas logo em seguida percebo que não vale a pena
nenhuma opinião vale a pena
o que vale é saber desmontar
uma bomba-relógio
antes que exploda (em minhas mãos)
do lado mais fraco
onde só vale a pena
ser um perito em desarmar bombas

Cláudio Portella

A RUA

absurdo
abmudo
abism'undo

tem hora que o silêncio é cheio de gritos.
tem hora que o grito maior é o silêncio.

é que a rua agora
tem perna
tem punho
tem pulso
e pulsa
e empunha
e marcha:
é a rua.

vira a esquina
bate com a cara num muro duro
escuro
que é falange
que é falácia
e tem sempre razão
(uma razão que é fogo, ferro, canhão.
aparelho de manutenção
– ordem! moral!
algema!, golpeia!,
– protege!
silencia com relâmpago e trovão.

troveja
apavora
e a rua chora
e não é por vintém.
pode ser tristeza
pode ser horror
pode ser pimenta
pode ser ciência
com a ciência de que tudo é dor.
a rua chora,
mas oferece flor.

o muro para,
mas o mundo cai.
o mudo cai:
a rua dá seu grito
– de guerra!,
não , não é.
o grito da rua
só é de guerra quando a guerra
é o maior grito
de paz.

SOBRE DESCARTAR SÍMBOLOS E O ENSEJO DE REVOLUÇÕES

Os vândalos se reconheceram
protestaram tudo
pouparam nada.
Os vândalos mostraram a cara
subverteram o todo
perturbaram a ordem.
Urbanídios do progresso
aparentemente ilegítimos
Incitando o caos banal
contra cidadãos de bem.

Os vândalos levaram balas
trouxeram o conflito militar
cotidiano da periferia
para o centro
para o palco.
Os vândalos inverteram os sentidos
e os fogos de artifícios
reservados para o circo
explodiram e acordaram
uma nação inteira.
Os vândalos foram reprimidos
bombas de efeito moral
hereditários discursos moralistas.

A fúria que depreda
repugna todos os símbolos
rejeita todos os líderes
caminha sem um destino.
Não se esqueçam os civilizados:
transgredir é necessário
quando ser *Brazil* é tão árduo.

Ninguém deixou Versalhes
sob um convite amigável:
o protocolo foi quebrado.

Danilo Tobias

CONSOLAÇÃO 13/06/2013 (LACRIMOGÊNEA)

Há certos paulistanos
que, fartos de patrão,
não esperam milagre
para gases mundanos
e preparados estarão
se o caos se deflagre:
são videntes urbanos,
veem bem a situação,
têm olhos de vinagre.

Davi Araújo

MEU NOME É JOSÉ

Meu nome é José,
não gosto da vida,
crime faço,
falas o que? Fazer o que?
Consciência,
arma em mãos,
apito ao que der e vier.
Ao não ser sociedade,
dotes de resto,
esquecidos.
A cá vendemos desgraça,
apoio com gás,
material escolar,
tráfico de cidadania.
Dualidade entre um destino,
sustentados pelo ódio,
esquecidos pelo descaso,
política de renovação.

Denis Moreira da Costa

A VONTADE PISA A RUA do mundo
O peso do tempo,
O silêncio na ponta de um sopro

A vida cega
Sem sentido segue
Aflita espalha o grito mudo
Por toda a casa, o grito
Por todo o mundo

(Mercado de almas penadas, abismo escuro)

O Mundo fora agita-se
E o tempo fecha
O vocábulo fantasma se manifesta
A explosão de uma canção
(O deserto tomado de respiração)
Cinzas de uma era remota
Irrompem das gavetas

Tomam as ruas
Para demolir os privilégios.

Diego de Sousa

FACA

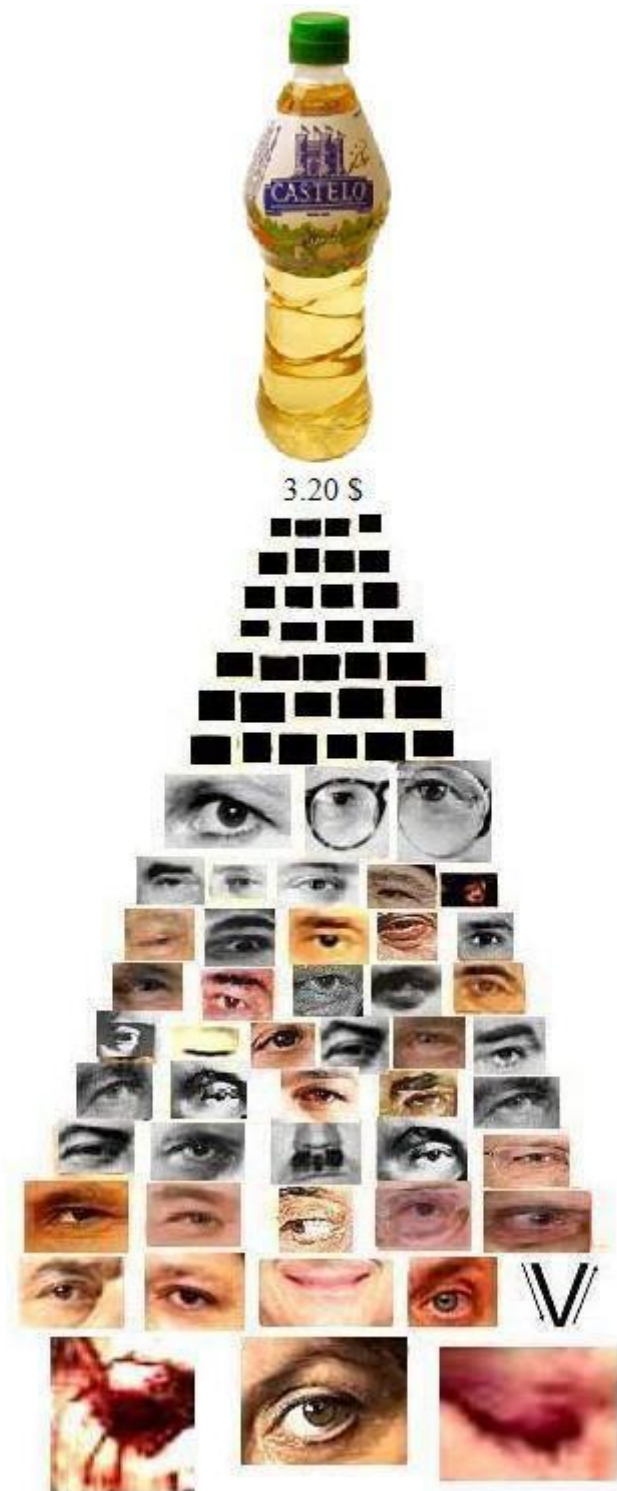
princípios
são mandamentos
nucleares de um
sistema que dirigem
sua exegese além
de constituir o
suporte axiomático
para a integração
de lacunas.
[a voz-rádio-am
narra outro
episódio de lixo
especulado, lua
cortada por sirenes,
eco anônimo
que abafado
golpeia e perfura
a apatia do prédio,
a veia cava]
o fundamento
material de todo
ordenamento
revelado na escolha
de seus princípios
[o sentimento quase
instinto da violência
apascenta mais uma
ninhada de lâminas]

Diego Vinhas

OMNIBUS

a rua não está parada
a rua é
quem na rua anda
a pé

Dimitri Rebello



Diogo Mizael

RETRATO DE UM GOVERNADOR

o governador acorda, bebe chumbo
e espalha pólvora no pão.
o governador obtura suas cáries com balas,
cobre as vítimas com o sudário
piedoso de um cristo todo em sangue.

o governador é um ditador da lei do mais forte,
e tem cães de guarda que vestem farda
e não respondem à razão ou à justiça.
o governador enrola cobras nos microfones,
arranca olhos com mão em luva de pelica.

o governador quer a ordem dos corpos no chão
e protege os eleitores de si mesmos.
o governador é um homem bom em casa,
mesa & banho. usa um rodo pro dinheiro,
e faz a ronda do complexo midiático.

o governador tem mãos em todos os bolsos,
em todos os coldres, e puxa gatilhos
com a língua. o governador sabe de cor
e salteado as cidades do estado.
ao governador falta um pouco de telhado.

são paulo, 13 de junho de 2013

Dirceu Villa

O DIA DO POVO

Na segunda, mergulhei num mar de gente
Largo da Batata, a se recuperar, gentrificado há pouco
Acima, a lua se engraçava com o helicóptero, crescente, 2013, nos braços de Juno e
João, dezessete
Jovens, quase todos, alegres loucos, sérios, palhaços
O povo unido, se livra dos partidos, o povo unido se livra dos partidos!
A PM, em vez de matar nesse dia, virou um casaco ao redor da multidão, contra a
ventania das ruas, carros e motos
Movimento polifônico
Vi e ouvi, andando, Porto Alegre, Rio, Curitiba, Salvador, Belém, igualmente tomadas
Em Brasília, sombreavam as cúpulas brancas do Congresso (Niemeyer rindo onde
estivesse)
Centenas de milhares pelas ruas, fora dos estádios, esvaziando os elefantes brancos,
filhos da Fifa
O povo, unido, jamais será vencido, o povo, unido jamais será vencido!
Brasília, capital da legítima fala, política, bem podia ser dialética, mas está mais para
corrupta, sociopata, basta
Essa moçada, MPL, Movimento Passe Livre, abriu o peito da nação para todos os gritos
(será que sabem que Mao começou a Revolução Cultural na China com o passe livre,
tarifa zero para todo estudante?)
MPL, coletivo, horizontal, apartidário, informático
Vem....Vem.... prá rua vem contra o aumento, Vem....Vem....prá rua vem contra o
aumento!
Políticos! Tremeram ouvindo-vendo o povo cercando Palácios, Congressos,
Assembleias!?
Cidadãos, quem cuspiu na cara da mudança, que os vândalo e baderneiros jogaram no
seu prato com vinagre?
Amigos, quem dançou ouvindo a música invisível, a sanfona dessa festa gigante,
junina?
Parabéns MPL! Conseguiu o (que o poder chamava de) impossível!
Vitória! A copa do Povo é sua! Vitória! A copa do Povo é nossa!!

Domenico A. Coiro

NEM O CORPO

No seu bangalô,
sob o viaduto,
uma estrela
nunca salpicou o chão.
As balas dos revólveres
furaram o zinco.
Só restaram o abandono,
em sua nudez,
e umas roupas
penduradas no varal.
Ali permanecem,
tesas e encardidas,
em meio à fumaça
dos escapamentos.

Não,
ninguém as reivindicou
como herança.

Donizete Galvão

AINDA vou ver
a revolução
envolver
evolução
e revolver
sem revólver.

DouglasSouza

NECROSE SOCIAL

A democracia está abalada
Toda forma de governo
Do mais social
Ao mais liberal
É autocrático em essência

O Estado e seu sistema atroz
Fraudam nossos institutos
O povo não é mais soberano
O povo agora é súdito
E submisso por excelência

O globalismo localizado
O fundamentalismo do mercado
As regras do capital
Vejam como afloram as ditaduras...
Elas nos alternam sua regência

Considere a popularidade das religiões
O crescimento da inocência
A evocação de cultos infantis
Somos tratados como crianças imbecis
Que precisam de condescendência

E essa confiança no progresso...
Tudo nele é restrição
Ele não tolera a liberdade
Ele só preza a obediência
E nos impõe sua cadência

Então,
Eu lhe pergunto
E você se responde:
é de espantar
que o indivíduo adoeça e sofra?

DuSanto

LENÇOS BRANCOS

eles tem medo da rebelião
medo que tomemos as ruas
que abracemos as árvores
que voltemos a falar
as línguas das florestas

tem sempre este cheiro de pólvora
quando as velhas senhoras sem graça
entram em polvorosa
em seus salões

tem sempre esta coisa
nos faz chorar
e não é o gás,
e a falta de paz
é este peito sangrando
que não cura

só sei que eles
tem medo da rebentação
e esta onda vai tomar as ruas
tantas e tantas vezes

ah! estou um tanto velho
e alquebrado
mas o jovem que arrebentava trilhos
não liga muito para isto

se for necessário
(e sempre é)
enxaguaremos
este leito asfalto
com sangue
e nossas mães
com lenços brancos
na cabeça
com lágrimas

Edson Bueno de Camargo

COMEÇO DO MUNDO

O que pode um corpo
morto que se
descobre vivo?

Como se dobra
o sufoco? Como
se alça o asfalto?

Tudo está à flor
da pele e
subterrâneo.

Rua, começo do mundo.
O que pode um corpo?
O que pode um povo?

Nenhuma tropa
de choque esmaga
a resposta que somos.

Eduardo Sterzi

A IGNORÂNCIA é a última que morre

Elaine Pauvolid

ELES CHEGAM armados do que em nós
é receio, silêncio e sonolência,
e até que nosso sangue seja pó,

até que se arrebenhem rijas, tensas,
de nosso corpo ereto as fibras todas,
não haverá palavra que os convença

que a revolta do povo não se poda
com cassetetes, gás lacrimogêneo
e chamadas à ordem; vede a nódoa

de sangue — sangue rubro, fresco e pleno —
que ficou, indelével, sobre a farda.
De nada nos valeu a lei, e menos

ainda a proteção de quem nos guarda,
pois quem nos guarda, agora, é quem nos fere.
Desvalidos da lei, menos que nada,

juntos enfrentaremos a intempérie,
mesmo se mutilados, mesmo cegos,
mesmo que nos amarrem a cadáveres,

mesmo que desbaratem nosso emprego,
que ponham em ruínas nossa casa,
que as cinzas tinjam nossas mãos de negro...

Brademos este grito que extravasa
do peito e da garganta, e acorre à rua,
o eco profundo de uma cova rasa

à qual nosso pavor nos habitua!
Inflamaremos hoje o céu noturno,
despertando as estrelas, uma a uma.

Sob tiros de borracha, sob coturnos,
nosso peito arde mais que um molotov,
nossos gritos serão inoportunos!

Cuidado, senhor, que o povo se move!

Emmanuel Santiago



DARK MEDIEVAL TIMES

Para todos os corajosos vândalos do meu tempo

os vândalos botaram vinagre na vã filosofia
botaram de volta a revolta na rua, poesia na poesia

ruído contra a oligarquia, a voz dos vândalos
perfuma o concreto, o asfalto, o tédio, o sândalo

o enfrentamento, o atrito, única resposta válida
ao mundo vago, gago, sombrio, reaçã, cara pálida

(de dentro do apartamento o covarde alardeia
seu mimimi, sua burrice, cu na mão & pança cheia)

os vândalos sabem que tanto o preço da passagem
quanto a propriedade são uma imensa ladroagem

contra a bundamolismo do mundo funcionário
o caleidoscópico hálito dos carbonários

revolta, sangue & vinagre, não se perca de si
não se esqueça de si, não amoleça, a rua é logo ali

Fabiano Calixto

QUERO O NOVO!

*O futuro
não virá por si só
se não tomarmos medidas.
Pega-o pelas orelhas, komsomol!
Pega-o pela cauda, pioneiro!*

Maiakovski

Vou acabar com tudo! Destruir!
Já não quero meus velhos brinquedos
Não vou doá-los
Vou queimá-los!

Estudar já não posso!
Ver esses filmes de explosões e pipoca já não posso !
Essa música enlata, conservada, pasteurizada
Ouvi-la não posso

Quero o novo
O novíssimo
Abaixo a velharia, que resistia

Não quero essa velha escola
Não quero essa velha guarda
Não quero essa velhacaria

Ponha tudo ao pó!
Pra que possamos renascer
Sobreviver!

Se faça uma nova sociedade
Um novo mundo
Sem os infinitos
ISMOS

Que seja então a *ADE*
Verdade, Vontade, Sinceridade, Solidariedade
Capacidade, Cumplicidade sem Competitividade
nem Rivalidade

Essas, eram da outra
da velhinha
Não da nova!

Quero o novo
Um novo povo
Um novo povo vigoroso!

Fora com os senhores
Tomaremos e destruiremos as velhas mansões
E seu carrões

Teremos o novo
Seremos o novo

Se o novo quisermos

Porque o velho serviu apenas para poucos
E nós somos muitos
Milhares de servos

Conquistaremos o novo
Viveremos no novo
Pra que um dia nossos netos ou bisnetos
O colocar abaixo! De novo!

Fabiano Fernandes Garcez

NÃO QUEBRE, não derrube,
Não proteste, não fume,
Não discorde, não crie,
Não ao novo, não à liberdade,
Não, não, não...
Cale-se, e não levante,
Arruaceiros em acuidade.
Não vai adiantar, dizem,
Vai dar em nada; irrelevante.
(...)
Quebre, derrube,
Proteste, fume,
Discorde, crie,
Ao novo, à liberdade,
Sim, sim, sim...
Fale, levante,
Seres contra arbitrariedade,
Cusgam na terra, se desajuízem,
O nada é tudo; (sempre) avante!

Fabiano Maffia Baião

SÓFOCLES LIVRE

- Que gesto abriria
(ri Creonte) o código-fonte
da democracia?

Antígona cala
as teclas. Junta uns asseclas.
E a Ágora é quem fala.

Fábio Aristimunho Vargas

RUMO À COPA

registre-se em poesia
o q o povo nas ruas faz à língua:
a Copa, do inglês “cup”,
recebe a última gota e entorna:
torna a querer dizer “local de uma ksa
onde se lava a louça suja”.

Fábio Gullo

BALADA A FAVOR DAS ÚLTIMAS MANIFESTAÇÕES

a favor dos sem partido
sem dinheiro pra passagem
a favor dos estudantes
emperrando as engrenagens
a favor de uma garota
que tinha um olhar selvagem
e carregava um cartaz
escrito apenas “CORAGEM”
vou às ruas e hoje escrevo
uma balada-homenagem

vi um velho de muletas —
velhice = jardinagem —
caminhar cinco quilômetros
na maior camaradagem
vi uma mulher dançando
com seus cabelos na aragem
do alto de um edifício
incentivando a passagem
da passeata — e por isso
rendo aqui minha homenagem

que o governo não ignore —
nem se esconda na folhagem
da retórica política —
essa universal mensagem
pra que a esperança não morra
depois de nadar, na margem
nem a justiça se torne
piada, rancor, miragem
— ao eventual ouvinte
do poder, presto homenagem

dói o dia, dói a vida
dói em cada cartilagem
à dor, cerne da poesia
me doo nesta homenagem

Fabrizio Corsaletti

U'A

há asas nas mãos dos que sabem o que houve
porque os pés têm que estar no chão
e o tempo não levou nossa mágoa de menino

o tempo não ensinou
a cultura aos homens e nem tampouco
os ensinou que os relógios são monstros
e que lugar não há

nós somos todos os lugares,
e não esquecemos e não costuramos a vala

ainda há datas marcadas
de pólvora e de sangue

e a gente vai cobrar!

há uma fúria serena nas mãos dos que sabem
o que houve

pão, circo, televisão e coleiras aos domingos
que o asfalto não ensinou nossa infância
onde é que se tem que descer pra se salvar

nós comemos sua maçã com canivete
em meio a vinagre, flores das cores dos semáforos
e o céu mais vivo que o mar

nós abrimos os olhos das fronteiras
rabiscando jardins de giz nas calçadas
até que o tempo mude
que hoje, mais do que necessário,
desobedecer é uma virtude
e gritar é aprender a falar

Felippe Regazio

AINDA MAIS VIOLENTO

A violência está no ônibus abarrotado,
no pau de arara,
nos trens do subúrbio da central,
tiro dado no olho, tiro perdido
no brasileiro profissional de suicídio
comendo pão amassado, dormido,
a violência está aí e me oprime,
é corda de sisal, seca e dura,
que me aperta o pescoço até a inércia completa
ou até eu dizer chega
e queimá-la por força e escarrar
a violenta nova mudança
e do sangue cuspidos na terra
nascem as rosas e os cravos,
e o mel e a doçura.
Nascer é um ato violento.

Flávio Corrêa de Mello

TODO AQUELE MURMURAR de marasmo
que pasmava no ar dessa cidade,
toda aquela pasmaceira de asno,
cobrindo toda a tribo, toda idade,
vai virar grito pra tirar o atraso,
em vez de violência e porrada,
mar de amor e orgasmo!

Fred Girauta

COMO JÁ DIZIA o Cazuza
Enquanto houver burguesia
A poesia vai pro vinagre

Gabriel Pedrosa

NÓS na rua
ninguém
desata

Geovani Doratiotto

"PASSE LIVRE"

NEM BALAS
DE
BORRACHA
MUITO
MENOS
CASSETETES
O
CORPO É MAIOR
NESSE
INVERNO DOS OLHOS ABERTOS

NÃO HAVERÁ NADA
NEM
MEDO
DE
C H O Q U E

RUMO EM MEIO AOS GASES LACRIMOGÊNEOS
INVADINDO
PALÁCIOS
BUSCANDO NA MARRA
OS INFELIZES DONOS DO PODER

QUANDO SEUS DEUSES ESTIVEREM
SEM AR ..ESTATELADOS

UMA CARA SORRIDENTE
CELEBRARÁ

ESSES DIAS
CHEIOS
DE
ENERGIA

O BRASIL VOLTOU A PENSAR
É
T Ã O

DIFÍCIL

ACEITAR
UM

C É U

MANDANDO ETERNAMENTE
NO

F I N A L !!!!

MEU
CORAÇÃO
ARDE
VESTIDO
COM
A BANDEIRA NEGRA DAS PLANTAS PRIMITIVAS !!!!

CRIATIVIDADE
BEBEI
DESSA FUMAÇA
COMEI
DESSA
FAGULHA

MEU CORPO FALA
SE
AGITA NESSE INVERNO
ELOQUENTE

VEJO O POVO
ANTES NÃO TINHA CARA
AGORA
SUA
INDIGNAÇÃO
FICOU TÃO BRASILEIRA!!

NÃO HÁ COMO NÃO CHORAR
DE
ALEGRIA

QUE MARAVILHA DE LIVRO

ESCREVESTE
OH
MULTIDÃO

ENFURECIDA !!!!!
VINHO

ACRE

UM TANTO AZÊDOUM TANTO AMARGO !!!

MAS PRECISAMOS

DE

V I N A G R E ...

JÁ CHEIRAMOS FUMAÇA DE ÓLEO DIESEL
LOLÓ
E
C I C A T R I Z E S ,

SE HOJE ABRO MINHA BOCA
TAMBÉM

QUERO ABRIR MEUS

OLHOS

VOCÊS JOGAM GÁS LACRIMOGÊNICO

EU
RIO DE OLHOS VERMELHOS

NÃO HÁ CADEIA PARA TODO MUNDO

MUITO MENOS
IMPEDIMENTO
NA
HORA
FELIZ DE MUDAR ESSE JOGO !!!

EU BEBO CERVEJA
E
TAMBÉM ME PERFUMO
COM

V I N A G R E
QUE É MINHA SIMPATIA!!!!!!

Gigio Ferreira

CASA GRANDE & SENZALA

Coronel em entrevista exclusiva ao Jornal Neoliberal diz ter medo de perder a "liberdade" de opressão.

Giuliano Quase

INTERESSE PÚBLICO

é de interesse público
que a fome exista
é também de interesse público
que nossos meninos cheirem cola
que nossas crianças
se prostituam
que o tempo do trabalhador seja gasto
entre infinitas
estações e
distâncias
é de interesse público
que as universidades sejam manipuladas
que a cultura seja monopolizada
é de interesse público
que o teu olhar endureça
que o teu coração
petrifique
é de interesse público
sim
que suicidem-se
os poetas!

Graça Carpes

THE MULTITUDINOUS SEAS INCARNADINE

cruzemos os braços
assim cruzando a rua
o teu no meu
como um cordão
que pisoteie as avenidas
até migalhas
qual é o teu partido
alguém pergunta
eles não sabem nada
enquanto toma parte
da situação
quantos são os teus nomes

ou são sorrisos
um olho arde
a noite explode na cidade
ao fim dos rasgos
teu olho arde
é verde ou preto
contra um céu cinzento
e sem catástrofes
meu olho arde
contra o teu
o olho arde
é um cordão

eles só sabem medo
quantos centavos são
eles
e quem são eles
ou quantos somos
eles só sabem medo
porque não cuidamos
não cuidamos de saber
hoje eu te beijaria
você tem nomes
alguém pergunta
a noite explode nas cidades
causando um pânico incendiário
dos telejornais

os braços dados
não será televisionada
os braços dados
quem vai prender
as nossas gargalhadas
os braços
quem contaria as balas de borracha
quem vai prender as nossas gargalhadas
os braços dados
as nossas gargalhadas
por entre evoluções
de gás lacrimogêneo

PASSE ATA

Uma pedra
na vidraça
e
estilhaços
e
balas de borracha
que quicam
e
gás lacrimogêneo
e
lágrimas lavam
ruas repletas
e
máscaras
e
hinos e hostes
na passeata.

O fogo faz fumaça e sobe no céu da avenida.

Guilherme Salla

SEGUNDA-FEIRA

desconfio que o licor do sonho
e da ilusão, desta garrafa que um dia cheio
está próximo do fim, junto à viagem
e tantas outras coisas que sempre
imaginei, jamais se encerrariam
não que antes não possuísse algum
ceticismo, porém agora, ainda mais

enquanto aqui aos arredores de minha casa
percebo a tranquilidade desse lugar
e como, por alguns instantes, isso
realmente parece fazer parte desta região
e toda tragédia, sangue derramado: apenas
lembrança a ser esquecida
porque agora, protegidos não se sabe
do quê, é possível viver em paz

minhas palavras ideias parecem não condizer
com acontecimentos atuais – portanto ou
fora de contexto ou do tempo:
talvez seja o caso de não abordar
assuntos dessa natureza e, que isso talvez
sirva apenas para um momento outro

no entanto, sob a proteção de
algum manto ou fenômeno misterioso
o poeta é o legítimo conhecedor
do verdadeiro significado de
seus versos, ainda que os destrincham,
os revirem e façam um escarcéu
com suas palavras – e

novamente outro ônibus é incendiado,
outra chacina, um morto a tiros
em frente de casa, outra tragédia consumada,
esfarelando, pondo por terra, todo um sentimento
de paz, harmonia e, toda consternação,
medo, insegurança, tomam, inevitavelmente
de assalto, os versos e a vida

Hélio Neri

Aguarde veneno da água parada

Waly Salomão

*e desligo a árvore final da paisagem
com a água
quase no ponto de virar mármore*

Armando Freitas Filho

*como extrair da brutalidade dos fatos
esse diagrama do futuro
onde se abre
aquela flor central*

Marcelo Ariel

*que se passa poeta
adiaste o futuro?*

Ferreira Gullar

*no gado é que dormimos
e nele que acordamos*

Carlos Drummond de Andrade

Hoje houve
um passeio
apinhado de gente
mas
a ilha acabou
e todos
marcharam parados

nas margens nas bordas no limite

apertando os pés
contra a ilha

pra lhes nascerem
asas
ou lama
e areia
virarem chão
batido

e excrescesse
soerguesse
envergasse

por cima da água

aumentasse
e mais
tanto

que a ilha
vendo o chão ir em frente
entre céu e oeste
andasse

fez-se um jardim colorido

pra chamar os marchadores
de volta

eles queriam o continente

serraram os pés de uns tantos

cicatrizava

e a verga tocou o outro lado
nomeou-se ponte
e a marcha atravessou
o mar

Rio de Janeiro, 14 de junho de 2013
*em cinco capitais do país o movimento contra o aumento da passagem ganha força, é caluniado e sofre repressão
severa.*

Heyk Pimenta

JOGARAM MENTOS NA GERAÇÃO COCACOLA!

quem mandou nos colocar
na escola?

mesmo com tão pouco
o estudo faz algo mais
que aumentar os índices
internacionais

o estudo e o trauma
de tantos estupros
na alma
da nossa história

BASTA!
capitanias hereditárias
escravidão
'liberdades' compradas

a cicatriz da opressão
das ditaduras
não tem cura

nem a prisão
da democracia
da grana

da livre informação
controlada
por quem compra
o poder da palavra

BASTA!

mídia do medo
política da propaganda
desvios de verba e de conduta
segurança de balas de borracha

BASTA!

essa vida de migalhas
20 centavos custam caro
mas vão custar mais

não é só o preço do transporte
é o preço de viver a vida
em vez da expectativa de morte

de mão em mão
a rede rege e protege
os passos da multidão

o rosto de um líder
não se acha

não há mais guevaras

o que há são PÉS
e MARCHA

claro

falta terra no planeta água
falta água no planeta sertão
falta distribuição no planeta terra
falta sede nos gritos de revolução

falta muito. mas de pouco em pouco

a borboleta vira furacão

de pouco em pouco
o eco do nosso oco

de pouco em pouco

nosso NÃO!

Igor Alves

LUZES

esta noite vermelha
sob duas luzes quentes
: uma, acesa a sangue
e outra, maior, que nos acende.

são ascendidos os braços, ávidos,
contra o som uniforme dos passos.

e vozes gritando outras cores
defronte à marcha cinza.

ecoa a insaciável ansiedade
pelo direito de ir, vir
ver, viver → liberdade.

o grito pede passagens.
sem o preço
a pagar

: uma luz na história.

Israel Antonini

MANIFESTO CORROSIVO

grito do braço que pensa
grito de fincar a luta
gritos da praça esquecida
grito do antes gemido
preso por vinagre e amido
ávidos por números novos
ávidos por poesia
ávidos em combustão
ávidos coturnos lutam
presos por vinagre e massa

luta com fermento certo
luta que apanha mais cresce
luta da vala tão viva
luta da esquina e do lixo
presos por vinagre e pão

luta tão bruta que grita
luta tão dura: MALDITA
luta tão velha: MALDITA

e vandaliza teu foco
e repudia teu sono
e manifesta em rede
e que colore a parede
e que reflete o teu medo

somos flores e fermento
e vinagre e pensamento
somos placas e bandeiras
livros papo e prateleiras

choque mental que faz rima
choque mental que destoa
do teu choque tão brutal

e que tenha um amigo
e que te pinta de rosa
e que te chama pra prosa

com flores e fôlego nas ruas, o cão.

Ivan Antunes

RECEITA DE BOMBA PRA DETONAR REVOLUÇÕES

explosivas são as flores
portanto, o principal
tambores e dançar
stayin' alive
dar cambalhota lançar tapiocas
não esquecer o vinagre
o vinagre é muito, muito importante

pichar facista sem S, que o S
é coisa da polícia
da gramática
vamos explodir a norma culta
que a língua a rua a flor do lácio é nossa
a cidade a língua é nossa casa é nossa
é nossa

Jeanne Callegari

**VIOLÊNCIA: um direito
garantido pelo Estado aos
brasileiros**

[jessica balbino]

Jessica Balbino

SÓ ESPERO QUE ano que vem o brasil pare.
não para a copa.
para pensar.
para gritar.
para manifestar.

que o brasil mostre sua cara.
não abaixada, mas erguida.
diante do governo.
diante da polícia.
diante do mundo.

que o brasil esbraveje.
não com futebol.
com cansaço.
com raiva.
com revolta por tanto descaso.

que o brasil mude.
não só de políticos, que são sempre os mesmos.
de atitude.
de voz.
de direção.

Jéssica Chelsea Cassiano Alves

ACHO QUE ACORDAMOS grito esses dias
e menos cordiais, talvez devido
a um coma mal dormido
e porque também meio que não há mais espaço
é sabido que não cabemos mais - todos sabemos disso
nem nas filas nem nos ônibus nem
nas salas de jantar

acho que acordamos grito pra endireitar as esquinas
e pra lembrar aos vizinhos
que só sendo grito
é que podemos falar

João Campos Nunes

TRANSPIRAÇÃO

São Paulo! comichão nas minhas veias...
Os meus amores são flores feitas de cartolina!...
Oh, Colombina!... Traje de caos... Cinza e cinzas...
Pipoco e gás... Murro e rancor requentados...
Deselegâncias gritadas, sem pudores...
Perfumes de Vinagre... Castelo!
Bofetadas cínicas no Trianon... Ditatorial!
São Paulo! concussão em minha virilha...

Inconformismo a berrar nos turbilhões da América!

Jorge de Barros

BANTUSTÕES OLÍMPICOS

Alguma coisa
sempre cai
(além do queixo)
quando se penetra
em rua
de um mesmo
e alheio território

O bairro mais próximo
(completamente fora de eixo)
estende
muda hostilidade
em pipas vermelhas
na fronteira
a/bando/nada
amontoam-se becos
de armas e ameaças

Vai-se ver a última mulher
vestida de domingo
para um samba de gala
mas o amor
sem passagem
engole mensagem no celular:
há revistas
barreiras
barricadas
pneus incendiados
balé kamikaze em lajes

na esquina
caveirão
para nos lembrar
a perfeita simetria entre a ordem
e o silêncio dos cemitérios

José Antônio Cavalcanti

ODE AO VÂNDALO

De incendiar sorrisos
e ofertar bombas,
granadas a corrente que nos amordaça.

Cocktail Molotov pra alma
e cigarros para acompanhar a labuta;
os olhos molhados da chuva,
os pés queimados de asfalto.

Fogueiras a tua existência,
interrompes, qual multidões,
o curso das ruas.
Invertes marés.

Hakim Bey caotize teus mares.
Vinde aos Provos teus poemas.
Gustav Metzger teu céu.

Jota Mombaça

OS GUARDAS DORMEM NA FRONTEIRA

De repente manifesto
a gente

vai se voltar a um outro escalão:
montanha, névoa, marulho, o metrô que é o nosso trovão

então você acha que os cantos estão mudando de lugar
mas é a gente que vê os homens constrangidos da cidade

e tenta: enseada sobre asfalto, essa manhã,
porque tudo que é, é o nosso

estou no ponto pro Jardim da Glória, lendo a realidade
cientistas descobrem Alpes submersos na Austrália

na contracapa um coração selvagem pela metade
o cheiro de perto do sal um potro de pulmões novos

e o mar, ah oceano cavalgada,
absolutamente estrangeiro a mim nesse interior sem tamanho

eu juro que esse túnel não acaba
estão nos levando a um lugar de verdade.

Júlia de Carvalho Hansen

“AMANHÃ VAI SER MAIOR”

gritado da RUA

amanhã
também largarei as senzalas
desistirei
da falta
dos poetas e do lirismo sincronizado
rasgarei os livros
rearranjarei nas praças
com colagens avulsas
e obscenidades sintáticas
desovarei finalmente na rua
minha vida/lida dissimulada

Julia Mendes

ENQUANTO VOCÊS MORREM POR NÓS

São muitos sentimentos num único globo ocular.
Uma hora explode ou continua a se lamentar.
São tantas informações que o corpo começa a vazar.
Vazam bradações, vazam rouquidões, vazamos nós.
Entre as ruas em aglomerações incalculáveis estamos sós.
Somos uma imensa corrente de braços trançados,
Escorregando entre tiros de borrachas e lixos rasgados.
E agora calculamos que o amor não está nos corvos.
O único amor possível está na luta por nossos sonhos.
Cada combatente traz uma flor e um cartaz em punho.
Oferecemos as rosas aos corvos e os cartazes ao nosso povo.
Bradamos em um único coro: Sem violência, sem truculência.
Mas os corvos não ouviam as nossas vozes esgarçadas,
De sua cegueira absurda não podiam ver a nossa carne esfolada.
Os corvos não elaboram pensamentos,
Apenas repetem o que foi dado em seus treinamentos.
Então depois de muito tempo morreremos afogados
Entre soluços e catarros numa fumaça de acovardados.
Demos as mãos pela última vez naquela noite,
Enquanto nos preparávamos para a próxima invasão.
Enquanto clamávamos pela justiça que ecoava naquele refrão.
Levem nossas vidas, mas devolvam a nossa nação.

Juliana S. Müller



Jussara Salazar

EM

BAIXADA DO GLICÉRIO
- pelos anos de blábláblá -

Lava-os-pés
Na rua com coco-milho-papel
Homem-carroça, sujeira acima
Com muita reza vem o albergue
Da prefeitura como casa
Mulher-carroça noutro quarto, filhos e
Mais 50
A fome vizinha, companheira do homem

É da triagem da imundície que se vive, se come e dorme

Horas a pé
Sete
Oito de sol-chuva-ar

Meu senhor e senhora pra quem e por quem vocês rezam?
Rezam?

O viaduto sem dente
A
Gente
Deseinho é o tarô
Cartolina-mercadoria
E o homem-carroça ainda respira

Meu senhor e senhora pra quem e por quem vocês rezam?
Rezam?

A igreja e na frente o rolo
Carretel de estrangeiros
Escravos
Bolivianos, peruanos, africanos
Homens-carroça
Sim, nós temos o Glicério
Teodoro
Pires
A noite-dia-dói
Paulista
Africaqui
Ao lado
Vizinho de carro

Tem milionário de papel higiênico
Reciclado

Olhe
A merda está no ponto escuro
Veja bem como se limpa a bunda

Katerina Volcov

OS OUTROS
13/06/2013

Acostumaram-se com os que triplicam
os próprios salários, com o ruído seco
e metálico do suor que vai direto para
o bolso dos que legislam, palhaços;
mas negam o vulto da rua que desafia
os ratos.

Habituararam-se a engolirem sapos,
aos objetos de ódio diversos
rasgando o orifício arrombado;
há quem venda o lanche para ter
o passe do próximo barco,

enquanto alguns repreendem: "ces-
sem essa baderna por míseros
centavos!"

Deve ser mesmo bem complicado
ter de polir de novo a lataria do carro,
chegar atrasado e nem conseguir se
ver na multidão que grita escárnios.

Afinal não sacolejam no obus em direção
ao buraco; sequer têm asco de cuidarem
apenas do próprio umbigo, tinindo – fim do
mundo enxergar só dentro de cada círculo
fechado.

E ainda esperneiam para ficarem mudos os
que protestam na esquina ao lado, “que aqui
na sala a novela já está quase no volume
máximo”.

Lara Amaral

CUPECÊ CASA PALMA
LUGAR PRA IR SENTADO SANTO AMARO

LOGO SE FORMOU UMA TREMENDA CONFUSÃO

TODO MUNDO QUERIA ENTRAR NA LOTAÇÃO

NINGUÉM AGUENTA MAIS DORMIR MAL PRA IR DE PÉ
COCHILAR NUM TRAMPO DE BOSTA

Leandro Rafael Perez

BREVES ANOTAÇÕES DO FAUNO

1. Aqui, a tessitura do inferno se compõe de suaves fios de ódio, tédio e aborrecimento. Trançados, eles configuram o magnífico painel da minha exaustão.
2. Os sapatos da mocinha toc-tocam no assoalho o tempo todo e sinto vontade de matá-la. Meu colega de trabalho é apenas bobo. Sobre o patrão: ele que se cuide.
3. Topei um acordo. Mas não teve acordo. O combinado é isso que vocês pensaram mesmo. Não querem dar, eu tomo. Se querem, esnobo. Assim a calcinha do mundo cai e eu como vocês todos.
4. Perdi dente, confesso. Perdi oportunidade e mais que tudo perdi a hora. Foram tantas vezes. Mas sua hora vai chegar e ainda tenho os quatro caninos.
5. Não há plano de fuga; não há sexo solidário; ninguém amacia por aqui. Sou um caçador e não tenho remorso. Minando os vértices do seu ego, eu me enfio nas fendas e forno como um Dioniso demodê.

Leandro Rodrigues

MINHA namorada
chega a cara na rua
e sussurra
viva a república
e ninguém responde nada

minha namorada
olha cabisbaixa pro lado
e reclama
viva a ditadura
e ninguém responde nada

minha namorada
aparece pelada na janela
e grita
viva o anarquismo
e ninguém responde nada

minha namorada
dá três tiros pro alto
e suspira
viva o surrealismo
e ninguém responde nada

venhamos e convenhamos
essa minha namorada
não é de nada

ou então não
tudo ao contrário:
todos dizem sim
e tudo acaba
numa imensa batucada

Leo Gonçalves

SÃO PAULO, DIAS DE JUNHO

Vê como a rua começa, Geraldo
Nas nascentes por onde carros e mansardas reinam, a vida parece um boicote. Percebe
a convergência iluminada entre o direito
e o esquerdo da voz?
No pavimento sempiterno em que ronda
a milícia absoluta das nossas causas, Geraldo, a preparação
se deturpa. A chuva não inopera todas as tentativas de ajustamento. Há de se fazer jus
às guerras. A centavos se multiplica o aperto. O esdrúxulo na desculpa, o luxo, corpo a
torpe acusação. A língua, Geraldo. Se somos um,
vê o quando nos perdemos na imensidão dos quilômetros. Aonde os tempos nos farão
estandartes senão aqui — no trinco do silêncio, na direção do timbre, na
Consolacão e na força? Eu reparto com os meus
a fome de passar. Reivindicando o valor do caminho. Mesmo já sem tanta sede na voz e
mesmo o fogo nos olhos, é impossível [nos] perdermos. Mesmo longe.
E toma por exemplo, Geraldo,
a capacidade de sentir o pulso no movimento pacífico
pelo certo. As vias, sob as mãos ácidas. Violência que provêm das égides.
E há muitos, Geraldo. E somos tantos, há tantos dias
a caminhar pelas avenidas que não começaram em ti. Desculpa o transtorno,
mas vê como se revoluciona, Geraldo. E coloca-te no asfalto, a sentir o peso do sangue
às lâmpadas amarelas. O contraste no vidro, salva a pichação.
Uma canção lacrimal, o sussurro
da pólvora atingindo teus labirintos, se não pedirmos muito.
E o diálogo, Geraldo, o que prefere. O quem se despronuncia nessas noites.
A válvula que nos espelha, com nome de santo.
Vê, Geraldo, como a mudança começa.

Leonardo Chioda

LEGIÃO

Soprou o tempo
na máscara imatura.
E os mapas da eternidade
– como em um roce de magia –
vorazmente se mostraram.

Lisa Alves

O QUE CABE EM VINTE CENTAVOS?

Em vinte centavos cabem os 7,2% que faltavam
pra inteirar 327% de aumento desde 2000
cabem avenidas humanas
corredores de gente
cabe uma refeição pulada uma catraca pulada
não cabe aumento no salário do cobrador
nem do motorista
cabe a diferença entre preço e valor
cabe impedir de ir e vir
pra lembrar que nem todos podem ir nem vir
cabem cidades virando balcões de negócio
cabe rimar transporte com direito
cabe decretar falência
de ordens e órgãos de um sistema que não serve
nem nunca serviu
cabe a palavra basta
e tudo que ela carrega

Em vinte centavos cabem cartazes bandeiras
faixas máscaras megafones flores e poemas
cabe cutucar sonhos adormecidos
desmascarar conservadores enrustidos
despolarizar falsas polaridades
cabe polarizar
politizar
fazer política com as próprias mãos e bocas e pernas
e pedras pra se defender se for preciso
vai ser preciso porque isso aqui é ditadura disfarçada
com outra cor de farda
e não, não será televisionada
nem compreendida
nem contextualizada
dos dois lados da moeda só a coroa será mostrada
serão coroadas as coronhas os gases
e os ases da violência autorizada
a bala é de borracha a bala é de borracha
e vai doer
vai doer

Em vinte centavos cabem paródias olê-olás
gritos de torcidas e de guerra
cabe escancarar a guerra silenciosa
cabe Turquia cabe Grécia
duas moedas pra tirar as cidades da inércia
cabe reforçar o coro dos gritos do campo e das florestas
onde as balas de metal matam cada dia mais
não, não é só a passagem
é dar passagem pra sonhos e gritos entalados

zero vírgula dois vírgula!
o que as ruas pedem é outro país

HESITANTES
excitados
e exitosos
venceremos para baixo os 20 centavos

(paródia disfórica & com foco -- dedicada à chatolândia)

Luciana Miranda Penna

: SOB A TRANSPARÊNCIA DAS UNHAS, a cidade escura
ali onde os dedos entornariam garras
o título de um livro: trabalhar cansa (cesare pavese)
oculto àquela. à boca cheia
de insultos sufocados
olhos
quando a claridade mórbida
uma sala de espera. e os navios de lata
: canto
de uma terra morta
de uma língua extinta
não
é preciso. não é
preciso
arrancar lirismo da pele exausta. ainda
que depois das cordas
em O Guesa (Sousândrade)
harpa
que se escuta a sós. um tom
absurdo
: não há poesia. não há
poesia pra quem trabalha.
sonhos
embaralhados sujam
as ruas com entreatos
saída de emergência
arrancar
da pele o lirismo
: um lirismo violento.
sob a transparência das unhas, a cidade se alastra
agora, onde os dedos entornam garras
o título de um livro: a plenos pulmões (maiakovski)
exposto àquela. à boca cheia
de anseios declarados
olhos
quando a vivacidade única
um rito de passagem. e os navios de lata
: canto
de uma terra acesa
de uma língua em riste
de repente
arrancar lirismo da pele exausta. ainda
que depois das cordas
em O Guesa (Sousândrade)
harpa
que se escuta a sós. um tom
absurdo
: há poesia. então há poesia
pra quem trabalha.
sonhos
embaralhados sujam
as ruas com entreatos
saída de emergência
arrancar
da pele o lirismo
um lirismo incendiário.

CARTOGRAFIA DA GUERRILHA

Hoje marchei no centro
Parti do Largo da Batata
E fui da Praça Sete à Rio Branco
Subi na contramão a Conde da Boa Vista
Passei pelo Campo Grande e cheguei na Azenha
Me concentrei na Praça Tiradentes
Avancei pela Almirante Barroso e quase fui preso
Subi a XV e cortei por dentro, parei o trânsito
Desci a Augusta até a Praça da Estação
Tentei entrar no Palácio dos Bandeirantes
Fui pela transversal na Paralela
Segui pela Marginal e ocupei o Congresso
Enquanto me analisavam seguia em frente
Eu era a multidão empunhando um cartaz
Balas de borracha, bombas, gás lacrimogêneo
Estava elétrico, nem o choque me parava
Andei muitos quilômetros à pé exigindo ônibus de graça
Agora sozinho no meio dessa praça
Já não sei mais onde me encontro

Makely Ka

CONTRA O NAZISMO PSÍQUICO (02)

todas as tentativas de controlar, limitar ou destruir o caos formam a essência do nazismo psíquico, o caos é indestrutível e se multiplica através das galáxias, das palavras e dos silêncios.

O nazismo psíquico tem cheiro de gás lacrimogêneo

nós em nome do poema contínuo nos colocamos contra o nazismo psíquico neo-positivista de todos os governos e contra o nazismo psíquico pseudo-nilista e semi-hedonista da cultura mercantil, onde o ser é trocado por dinheiro, onde as ruas são demarcadas e controladas.

o nazismo psíquico se alimenta da diluição da angústia em um pragmatismo ou utilitarismo disfarçado de ética-estética do vazio que por sua vez se alimenta da lógica do possível imediato da ditadura das coisas.

ora o caos já provou através da história que a vida se move dentro do impossível

e dissolve as coisas no ácido do tempo-morte.

o caos é ambíguo como um elétron, ora é uma partícula de caos visível, ora é uma onda invisível de hipercaos.

o caos não é um teatro.

o nazismo psíquico é um cenário interior construído pela ditadura das coisas-conceito.

o hipercaos não é um poema.

nenhuma palavra jamais tocou na realidade, isso explica porque os escritores sempre fracassam quando tentam vencer o nazismo psíquico com palavras.

mas em verdade vos digo que a poesia fora das palavras é infinitamente mais poderosa do que a ditadura das coisas e ela virá como uma onda viva de dentro do hipercaos tudo o que chamamos de realidade será consumido por essa devastadora onda de sonho.

Todas as Ruas se chamam Rua Liberdade!

Marcelo Ariel

BREVE BREVIÁRIO DA MINHA POSIÇÃO SOBRE TODAS ESSAS COISAS AÍ:

Infeliciano, não me representa. Saiassos, me representam. Promotor que incita violência contra manifestantes, não representa (é criminoso). Estudantes de qualquer ordem sejam eles filhos de papai ou não mas que lutam pelo "passe livre", representam muito (são espíritos revolucionários). Amotinados de Istambul, me representam. Índios que invadem plenários, representam também. Prefeito que derruba árvore para alargar avenida, não representa e me dá nojo. Massas Críticas, representam total. Gerald Thomas babando falsas polêmicas, não representa. Zé Celso, me representa. Gaby Amarantos, representa. Joelma, não representa. Faroeste Caboclo no cinema, representa. Eduardo e Mônica em propaganda de telefonia móvel, não representa. Trollers que trolam o Tom Zé por causa da Coca-cola, não me representam. Tom Zé, sempre me representa. Músicos de rua, me representam. Morrissey por R\$ 520, nem fodendo. Especulação/gentrificação imobiliária predatória, não representa. Paulo Mendes da Rocha, representa. Ervas, frutas e flores, plant for a friend. João Gilberto de posse das suas masters, me representa e dou fé. Cauby no Bar Brahma, representa. Folha e Veja e todos os outros, não me representam de jeito maneira (além do que eles estão com os dias contados). Toda poesia do Leminski, me representa até o osso (isso sim é eterno, pelo menos enquanto dure a língua em que foi escrito e o planeta girante em que tudo isso se dá). Meteoritos que passam raspando, às vezes acho que não, às vezes temo que nunca.

São Paulo, 13 de junho de 2013 - na Revolta do Vinagre.

Marcelo Noah

ESTAMOS EM GUERRA, MEU AMOR

Com uma bala de borracha,
na coxa
você me acena
do outro lado da praça.

Estou tonto e meio cego,
e a fumaça que ferve ao redor
diz-nos que o fogo
mal começou.

Estamos em guerra, meu amor,
E com isso mais nos amamos
e nos desejamos.

Entre o meu corpo e o corpo teu,
avança a tropa de choque,
rebenta a multidão.

Marcelo Sandmann

DIANTE DA GRANDEZA do universo
nos contentamos em ser meia-coisa
estamos produzindo
tanta unha para o sec. xxi
ninguém calculou
o impacto das nuvens
sobre crânios sem chapéus
concluiu-se apenas que
os fumantes tem duas almas
ou ao menos desculpa para ir ao ar livre
os comerciais da free
definiram afinal o que é arte
e o que poderia ser
deixamos que outros decidam
nada resta por duvidar
acreditamos em tudo o que
não tem mistério:
sobrou somente a busca incansável por atlântida
essas pedras submarinas
empilhadas sob outra história
atlântida nunca esteve no passado
tão somente no futuro
o passado – sabe-se –
é daqueles que o enxergam primeiro
e o caminho dos pedestres
tem outro traçado que o dos carros

Márcio-André

PRIMO SOLE

mas estou tão cego
para o novo século

meu sorriso velado
é brilho do passado

levanta, covarde!

*é tempo de procura
é a hora da ruptura!"*

mas estou tão cansado
para romper com tudo

o calor que me resta
não sei se pouco presta

*jamais o nunca é tarde
toda minguia chama arde*

*todo pouco fogo consome
toda pouca água sacia*

*todo pouco louco delira
e o pouco faz o todo*

levanta, estrela vadia!

*antes que as trevas
reinem também ao dia*

Marco Cremasco

DESFAÇAM A POLÍCIA

Pra pôr a carapuça
não basta ser reaçã
precisa que se faça
o casco igual a fuça

Assim não há quem possa
tirar da cara a peça
pois serve bem à beça
a farda à vossa fossa

Na rua o que enguiça
essa violência russa
é o povo que atíça

na gente uma repulsa
de ver nossa polícia

E caça essa preguiça!
Destroça!
Expulsa!

Marcos Visnadi

À LUTA - esbraveja o homem
Que abriga braços e tórax
Em meio ao couro.
Imerso na noite,
Seus tambores ressoam
Encenando a miséria,
Sob uma Lua Vermelha,
Espelho dessas veias que sangram.
Mascarados, de peito aberto,
Caminham nessas noites lacrimogênas,
Sufocados,
Suas lágrimas alimentam o asfalto.
Em meio a náusea, o cacetete,
A bomba, o tiro, a sirene, a cidade,
Ainda sorriem
Por mais parca que fosse a
Esperança.

Marcus Oliveira

VEJO UM RASTILHO que sobe as ruas.
A pólvora é a palavra
a pólvora é o sentimento.
Mas é no coração do povo
que explode a revolução,
a marcha – a dor e a espada.
Somos todos da baderna
somos peito aberto,
e o vandalismo são nossas ideias.
Não é por duas moedas.
Não é por uma bola em campo.
Não é por uma pena em terra.
É por tudo isso, e outros tantos.
Somos um barril de ideologias
somos um povo que marcha à frente
que se levanta da fumaça branca
que finca o pé sobre a borracha
Que joga vinagre na pimenta.
Porque somos todos da baderna
e o vandalismo são nossas ideias.

Mariela Mei

CUIDADO

o silêncio é
(e será sempre)
um tigre
que cochila

Maykson Sousa

\$0,20

Vinte centavos é o preço do tapa
vinte centavos não compra um pão
vinte centavos é o preço do soco
vinte centavos é a algema nas mãos.

Vinte centavos é o nome da luta
vinte centavos é a voz de prisão
vinte centavos é o cale essa boca
vinte centavos é a algema nas mãos.

Vinte centavos não vale um índio
vinte centavos é o nome do não
vinte centavos é chicote nas costas
vinte centavos é a algema nas mãos.

Vinte centavos não paga um cristo
vinte centavos é uma gota é um grão
vinte centavos é o nome da fome
vinte centavos é a algema nas mãos.

Micheliny Verunschik

VAMOS PROTESTAR

Nas ruas o povo canta com animo
E pede justiça, paz.
E passagem livre

Nos gabinetes
O povo não quer escândalo
E vai tratando o povo da rua
Como Vândalos.

A polícia sai às ruas.
Conter os bárbaros,
Essa é a ordem!

Resolução? Só se for
Na base de agressão.
Polícia para prender bandido
Mas, afinal quem eles são?

E povo das ruas alforriado?
Continua sendo tratado pela elite
Como um bando de marginais,
Pobres coitados...

Cantar passagem livre
É preciso
Porque às vezes o cúmplice,
Surpreende mais que o próprio crime.

Nairana Melo

#PARTIU, VINAGRE

O ar, irrespirável,
é o que todos sabem.
E por isso vamos para a rua.
Pede-se passagem.
Porque irrespiráveis são os ônibus,
os metrô, e as salas com
ar-condicionado
onde desempenhamos
o vulgo papel civilizado.
E sabemos que estamos
condicionados.
Admirável mundo novo,
o niilismo, o cinismo,
também se esgota.
E todo o nosso esgoto
está batendo à porta.
Mas onde já se viu? Chamamos
de desobediência civil.
Já decidiram: querem nos sufocar.
Bombas de gás lacrimogêneo,
balas de borracha.
Para demarcar terreno,
impedir o centro,
impor a margem.
Mas pede-se passagem.
Não estamos mais sentados,
e ainda pensam que é por centavos.
É uma questão de tempero,
de sabor, de salada.
Para alguns não é nada,
e talvez não seja bem um milagre,
mas ainda temos o vinagre.

Nícollas Ranieri

POETA DE VERDADE não canta apenas
suas próprias dores

canta as dores do mundo e segue
acreditando

na impossível cura

Nydia Bonetti

ESCRITA AOS ÍMPARES

Desce. Desce mais ainda.

Aqui ou em Tsárskoie Seló ou East Coker
É sempre escuro depois da zero hora
Escuridão de chão e muros e pedras.
(Não conhece ainda a escuridão das águas e o vento
E nunca existe o Bom-Selvagem se um dia pisou e viu
O chão, muros e pedras)

Desce. Desce mais ainda.

O frio já invém e cada pedaço de lugar
É comido pelo tempo, triste lugar.
Pedra ontem, pedra hoje e nunca
A mesma diante do olhar variegado e tua descida.

Desce. Desce mais ainda.

Que importa se o agasalho mal te cobre
E todo olhar variegado é igual?
Passam os seres com suas desumanidades e doenças
Tantas, como as tuas. O normal é que os desaproxima
E faz bochicho, chacota, ou nem isso e nem nada
Como a lua nova na calada madrugada

Desce. Desce mais ainda.

Até que não haja um só dente na escuridão.
Reles, vil, faz-te de cada cimento e aço
Dos lugares que não o-são
Transubstancia-te de tudo o que fizeram
A Grande Civilização e Cultura, te alastra
De todo o Tempo e a palavra
Costume, hoje é mais um dia.

Desce. Desce mais ainda.

Ácido, perverso, até que descalce
Todo milagre – o falar, o ranger dos ossos
Qualquer lágrima como lâmina fria
O calor de uma e outra mão.

Desce. Desce mais ainda.

Conversa com a Treva, os desclassificados das calçadas
Aquele que agoniza numa casa em chamas, Escória e Só.
Conte aos amontoados de pele e ossos
E a carne-necrose dos segredos menores -
O ínfimo, o invisível, esses séculos de História, Pó.

Desce. Desce mais ainda.

Com a lata, as cinzas, o isqueiro e a colher
Os lábios queimados e o sangue exposto

Sê mínimo, agudo, cidade-baixa.

Então te levanta.

É Gente.

De frio e escuro e solidão.

E pode ser Grande.

Nina Rizzi

TROGLODITAS LÍRICOS não levam desafloros pra casa

Orlando Lopes

UMA bandeira sozinha. Ali, na rua escura. Não dizia nada até hoje.

Paula Corrêa

NOSSA LUTA é sempre áacre
por mais que seja acre
ver o vinho virar vinagre

Paulo de Toledo

PERDENDO O POVO O SONO COM A FALTA DE TRANSPORTE E O EXCESSO DE CERTO ESPORTE.
ASSUNTO HERÓICO DA NOSSA PRESENTE FOLIA.

Quadras

Nas quadras dessa cidade
a multidão arredonda
um-cem-mil gritos num só
e tiro algum vence a onda

Nas quadras dessa cidade
um vasto lençol de gente
cobre ratões e lobinhos,
os medrosos dessa enchente

Nas quadras dessa cidade
povo esmerilha destino,
enfaixa o descaso aos berros:
“Eu me mando! Eu me amotino!”

Nas quadras dessa cidade
a mídia dança de quatro,
os partidos repartidos
vão de plateia no teatro

Nas quadras dessa cidade
o verso nervoso entorta
a paz enquadrada a gás
– que governo me comporta?

Pedro Marques

POEMINHA DE OCASIÃO

Escute, beibe,
hoje as ruas estão em chamas
mas você não me chama
para perto de ti.

No prato do dia
vinagre & revolução
mas eu só consigo
pensar no amor:
por você, por mim,
pelas pessoas do busão,
os velhinhos jogando damas,
os perdidos nas filas da vida.

Meu dia não vai azedar
pois a chama que nos arde
vai bater em toda porta
mais do que os cassetetes da polícia.
Não tem cavalaria
que nos tire a galope
desse golpe
do estado de coisas
a que nos acostumaram.

Haja tanta pimenta no ar,
vamos mascar as balas de borracha
nos indignar,
tomar a avenida com o nosso amor
para o mundo ver
e a gente manda ver
neste mundo de horror.

Pedro Tostes

A POLÍCIA É BONITA E ASSASSINA

A polícia é bonita e assassina, os seus crânios e capacetes, o seu pau artificial, os gases lacrimogêneos, seu espírito de corpo, suas algemas, seus carros de água, o seu modo de gritar e expressar.

A polícia nos lembra a morte, nos mostra o revólver, a pistola, o cano do rifle e murmura:

- Estão vendo a morte?

A morte é como uma uva. Doce e escura. Dá vinho.

E vinagre.

Provem o vinagre.

A morte é como o vinagre.

Estão vendo a polícia que se aproxima com seus carros e escudos, com suas armas e catapultas, tão esbelta com suas tropas de assalto em uníssono? Estão vendo as tropas especiais, as tropas de elite já chegam, suas filas tão bonitas, emparelhadas, tão bem formadas que dão gosto?

Podem ver como respondem à mesma ordem, a uma só ordem do sargento, do capitão, que eficientes? Seguem em compasso.

Dá gosto vê-las tão firmes e obedientes! Não é mesmo?

Reparem os capacetes, a alta costura dos uniformes, os crânios de aço polidos, as cabecinhas todas iguais, as boinas verdes, as bocas das armas todas na mesma altura, todas juntinhas, igualmente espaçadas, a ponto de disparar?

É a colheita. Haverá vinho de sangue.

São as uvas da polícia, sim, recém colhidas do quartel, da videira violenta.

A multidão se dispersa.

Ficam as crianças desorientadas, os poetas, os que não souberam burlar o grande braço da lei. A mão da polícia nos espreme e adiciona seus sumos cheios de arroz e água de sol.

Arroz que devora, triste, a polícia.

Sol que se apaga.

Rafael Courtoisie
Tradução: Maykson Sousa

COTURNOS

No meu poema ninguém manda
Pode pau, pedra e faca
Pode couro, coturno, lenço na cara e pulseira de tachas
No meu poema pode soco-inglês, bomba caseira, de estilhaço
feita com todas as moedas de troco que você guarda em casa
No meu poema pode não só vinagre como conhaque, vinho, cachaça
Gasolina, diesel e álcool
No meu poema pode agência de banco quebrada, ponto de ônibus depredado
carro de luxo virado, impropérios pichados no muro do estado
No meu poema pode murro na cara da PM, cruzado direto, certo, bem dado
Pode tomar cassetete na marra e enfiar pela garganta do canalha
No meu poema pode gás no gabinete do prefeito, lança-chamas na sala do governador
Pode peitar autoridades, passar fio de nylon no pescoço e apertar
até fazer falar
No meu poema pode arrancar cada placa, com o nome de cada rua que compõe esta
cidade
No meu poema a revolução é a vontade.

Raphael Gancz

O vinho
tomado
no palácio
tomado
virou vinagre

Renan Inquérito

UM MOVIMENTO

político no ato da
fala
(legítimo não pela lei
de verniz da
impostura mas pelo
gesto
de quem o aciona na
dança) um movimento
que rompa as amarras
que interrompa
a matéria predisposta
aos horários dos escritórios
e dos centros de compras
um movimento político
cujo eixo seja o
teatro
(não como máscara mas)
como potência
da beleza de todas
as coisas se trans-
formando por meio de
seu próprio movimento
político
sim
num momento
tremendo (a Terra girando
no Espaço) que sendo
em si um evento
se espalhe em mais mil
movimentos
contra a rígida estrutura
da ordem do agora

(Prometeu roubando o fogo
a cada nova madrugada)

Renan Nuernberger

FASCISMOS dissimulados
agora expostos sem ressentimentos.
mergulhados nesses, também,
um mar de lodo e violência:
violência de um discurso mentiroso proferido com sorrisos,
violência de sensacionalismos e falácias
violência de uma liberdade restrita.
mas o momento é propício
nesse minuto não tem comício
e que, quase misticamente,
nos é propiciado para iniciar algo novo, inesperado.,
(o idealismo da ideia tomando concretude, materializando-se)

Renan Virgínio

A HISTÓRIA DA GERENTA

*kissing the feet of the man above,
kicking the face of the man below.*
Marianne Moore

Para sentar-se à mesa,
ela exibiu as cicatrizes.
Ao ascender à direita
do patriarca-messias
– o falho unigênito –
expôs as cicatrizes
e todos aos joelhos,
boquiabertos frente
à ilusão do materno.
Uma vez à cabeceira,
abobava os convivas
com as acrobacias
de suas cicatrizes.
A gritos de rainha
louca, aquietava
todos os muxoxos
seu salvo-conduto,
imunidade herdada
de suas cicatrizes.
Em meio às rugas
e a caça às bruxas,
nem as suas rugas
tapam as cicatrizes.
Altaneira, que sono
de justa lhe doam
as suas cicatrizes,
como é sobranceira
ao ditar quem vive
e morre, sem tremer
sequer a sobancelha!
Chicote em punho,
castigava os dorsos,
mas quem ousaria
questionar a dona
de tantas cicatrizes?
Quando terminou
enfim o genocídio,
– não por detê-lo
mas consumá-lo –
ainda distrairia
a todos, houvesse
alguém sobrado,
com a autoridade
de suas cicatrizes.
Só, afinal, à cama,
sonhou-se em Haia.
Não se sabe, porém,
se qual juíza, ou ré.



1

Ricardo Pedrosa Alves & Rubens Guilherme Pesenti

¹ Referência a um verso de “Diário de um detento” (Jocenir/ Mano Brown), dos Racionais Mc's.

ESTADO DE EXCEÇÃO permanente
happy bombsday
igreja do pastor alemão
Dita Roussef
III Reich Batista
ideologia do Estado
aumento da infração
voto em bronco
Lula de classes
transmissão ao vivo aos mortos
levita o Leviatã
torcida cordeira
manifestação horrordeira
Estado de direita
de cisão judicial
direitos ou menos
liberdade de opressão
imprensa=marrom
não há governos, mas autoridades
o social contra o contrato social
indústria de poesia bélica
estado de protesto permanente

Ricardo Pedrosa Alves

ESTUDO PARA UMA CRÍTICA DA ECONOMIA POLÍTICA

Ninguém mais fala
na propriedade privada
dos meios de produção.

*

Embora sua presença
faça sentir-se ainda
cabra-cega esquiva
como pele que se veste
esboroadada em cortinas de espelhos,
embora não menos vivida.

*

Um dia em uma reunião
alguém pensou até em falar
achando que cabia
na discussão, mas depois achou
melhor não.

*

Em negrito no livro didático
alguém talvez
tenha reparado no jogo
entre os meios e as mãos
mais abaixo na frase
acontecía que se perdia
o sentido de algo vivo, fora do livro,
e o que o negrito sublinhava
e por isso fugira
era um ruído do passado
próximo ao carvão
depois de usado.

*

Sob o radar de carcaças
ela contudo navega
em certo sentido bela, vaguíssima,
velha presa política esquecida em sua cela.

*

A paz acelerada que a invadiu
é o mesmo sentimento
em toda parte
na várzea como na hidrovia
por onde carregam minério,
nos sindicatos de vigias;
é a paz de uma faca usada
para cortar o que a cegara.

*

Mas já não se fala, nem
entre a gente jovem da faculdade,
no fantasma-propriedade
que experimenta a solidão
na nave da igreja barroca
de uma partícula de poeira
deixada ali por alguém que visitara
uma fábrica fechada
onde antigamente
se fabricava a luz fria
que ilumina o infinito corredor do hospital.

*

A categoria salário
não pode competir
em poder de explicação
com a categoria propriedade privada
dos meios de produção.
O salário é o homem
em sua dimensão de intestino
enquanto a propriedade é o destino
de tudo mais que a mastiga
como aliás sua saliva.
Uma pele que se veste por cima
das circunstâncias conhecidas
e sai na radiografia.
O salário, ao contrário,
fotografa a arritmia
do lado de dentro do aparato:
espia, apenas, o coito maldito
de alguém que o espera
com alguém que o sacia.

*

A vespa que defende a caveira oca no altar barroco
multiplica-se por instinto
programada para vingar.
A mercadoria reproduz-se com propósito
está atenta ao movimento que a engravida.
A propriedade privada
dos meios de produção
é o altar subcutâneo
em que o objeto celebra
um rito odiado: arranca de sua natureza
um velho coração de objeto
gasto de existir
desde a pedra lascada
e o expõe a uma platéia calada.
Ao vê-lo fora do corpo
vomita sobre ele um novo dorso
e esse novo dorso ganha uma vida
maior que a sua, e mais livre,

enquanto a vespa antiga o sodomiza.
Aqui fora isso acontece
sempre que alguém otimiza
as estratégias que externalizam
custos de transação.
A vespa que visita
nessas horas o escritório
sodomizou no mesmo dia
a carcaça de um objeto
cujo coração exposto
habita agora
um novo corpo.
Se alguém sorri nessa exata hora
sabe que no fundo, embora torta,
celebra-se no mundo subcutâneo
uma festa morta.

Ricardo Rizzo

INVERNO BRASILEIRO

O futuro pertence às multidões.
Don DeLillo

A Multidão é uma serpente de cem mil olhos bocas peles e vozes
A Multidão sempre aparece em segundas nubladas
Ninguém segue nem segura a Multidão, ela nos leva
A Multidão avança entre prédios públicos e praças e condomínios como uma
[grande onda
A Multidão murmura sentidos atávicos, despista seus perseguidores, se dispersa, se
divide, arrebatada mais furiosos avatares e se reencontra
A Multidão atordoada a mídia, perplexa especialistas, confunde extraterrestres,
A Multidão é a soma das individualidades cuspiendo desejos & desapontamentos,
Elétrica Pulsante em Movimento a Multidão tem a vibração de mil megatons
A Multidão é jovem é velha é sexy é solitária é firme é serena
A Multidão quer derrubar a realidade que está aí, a falsa representação,
A Multidão de única seiva e múltipla raiz, e que grassa em todos os cantos, a [musa de
Whitman
Multitude furiosa como a lava de um vulcão, Multidão imprevisível como um [tornado
De repente a Multidão se torna um novo meio de transporte e atinge o satori
A Multidão contém mini-multidões, contradições, bancos saqueados, a face [pintada de
uma menina
A Multidão lança beijos e palavras de ordem aos que ficaram à margem da [Multidão
A Multidão quer retomar o que lhe foi tomado, vandalizado pelos grupos econômicos,
políticos parasitas,
A Multidão tem a informação e organiza em redes suas ações em tempo real
Múltipla e Singular a Multidão quer o mundo para ontem, e a vida simplesmente [para
agora,
A Multidão paralisa tudo, decreta feriados, derruba governos,
A Multidão que sai das fábricas, das lojas, das bocas, dos becos e do Facebook
A Multidão que protesta como um tigre quando desperto, a pegada de sua pata é
[poderosa contra as tropas de choque
Contra o Molok que sacrifica uma geração, contra as injustiças e a ditadura do
[Mercado, contra o Império, qualquer império
A Multidão que não gosta de balas de borracha e prefere Halls
A Multidão que grita Desculpe o Transtorno: estamos mudando um país.

18/6/13

Rodrigo Garcia Lopes

ÍNDIO (POEMA-WIKIPEDIA)

Anita Malfati morreu em 1964
Em 1964 foram lançados:
My fair Lady,
Il deserto rosso, Dr. Strangelove,
Deus e o diabo
foram lançados
na Terra do Sol
em 1964
Em 1964 Nicanor Parra
ainda é cinquentenário
A paixão segundo G.H. é de 1964 (e
Herzog
"Herzog",
de Saul Bellow, é de 1964)
Em 1964 os Beatles chegaram
aos Estados
Unidos da América,
os Rolling Stones lançaram
seu primeiro disco, Bob Dylan o seu quarto álbum
Em 1964 Ferreira Gullar está filiado
ao Partido
Comunista
Brasileiro
Em 1964 Martin Luther King recebeu o prêmio Nobel da
Paz,
Jean-Paul Sartre recusa o prêmio Nobel de
Literatura
em 1964 (1964 está sendo um ano
longo, escroto, árduo)
Em 1964 morreram reis gregos,
presidentes e generais do Norte e da faixa latina da América
também estão morrendo em 1964
Em 1964 Cassius Clay teve fé,
se tornou Muhammad Ali
e derrubará - índio e impávido - outro adversário: 1964.

Rodrigo Lobo Damasceno

SONETO I – O SER COLETIVO

O homem na cidade aprisionado
Tem a face na grade suprimida
A vontade na práxis dissolvida
E o grito soberano sufocado

Qual Atlas-alicerce é esmagado
Entre asfalto e parede toda a vida
Pois toda identidade está moída
Nessa carne em que tudo é sustentado

Despertai! Ó gigante de mil almas!
Reclamai os semblantes distorcidos,
Compressos nessa massa massacrada!

Atentai: uma vez em vós fundidos,
Lembraí que qual falange a força é dada
Pelo escudo vizinho alheio às palmas!

Rodrigo Moreira Pinto

LEI DA VIDA

A árvore poderosa começa na semente
e ainda que o amor seja profundo e alto
é também mínima a semente do homem.
O nascimento do riacho o pólen
o ovinho da branca pomba
a pedra que rodou pelo monte nevado
desde pequena chegam ao mar
ao girassol ao voo interminável
ao planeta de neve que nada deterá.
Na luta social também os grandes rios
nascem dos pequenos olhos de água
caminham muito mais e crescem
até chegar ao mar.
Na luta social também pela semente
se chega ao fruto
à árvore
ao infinito bosque que o vento fará cantar.

Roque Dalton
Tradução: Eduarda Rocha

O BARULHO
Diferente nas ruas
Lacra bocas
O barulho
Que estremece as bases
Lacra bocas
Áulicas da hipocrisia
O barulho
É saca-rolhas

Rosana Banharoli

CÂMBIO

carregamos os vinténs
por dentro das roupas, debaixo dos braços, colados nas solas.

– a esmola

(de amor e de esperança à terra desce)

vinte vezes vinte mil conhecemos-os bem.
porém agora os atiramos de volta

à face dos que cobram – pagamos a moeda
para nós a mais justa, tributo à ferida de quinhentos anos.

pagamos. engulam

milhões

Rosane Carneiro

ODE AO DEUS CORNUDO

Eu te retiro, vítima, do mundo onde estavas e onde só poderias estar reduzido ao estado de coisa.
Georges Bataille

enfim esqueceste o mundo antigo, companheiro, & o sublime deus cornudo desse mundo

o antigo deus cornudo do arcaico princípio lunar, ctônico, das orgias pagãs, comunais das orgias das almas & dos corpos em comunhão com o grande mistério

o grande mistério que é a origem de tudo, ao contrário do que diz teu crasso marxismo de manual de cursinho

o grande mistério do deus cornudo, filho & amante espargindo seu sêmen sobre a face da mater gozoza chamada ísis, deméter, maria

o deus cuja galhada é a lua negra das sementes que explodem na luxúria das flores do sol & da sombra

& das vidas que brotam & morrem & renascem através da interminável mandala das transmigrações

o deus inscrito há 30 mil anos nas cavernas de trois-frères pelos primeiros xâmanes em transe provocado por cogumelos

pelos primeiros xâmanes cujos cânticos deram início a toda ciência do primata humano

o deus cornudo dos cervos de sete galhos bramindo no bosque à lua cheia com as senhoras dos animais dispostas em círculo ao redor do falo da figueira

o deus cornudo do falo da figueira que iluminou orfeu, buda & jesus

orfeu, buda, jesus & todos os mestres iluminados que transmitiram como apóstolos a sublime canção do deus cornudo

enfim esqueceste o mundo antigo, companheiro, & por essa razão todas as quartas à noite tua menina & eu fazíamos 69 enquanto secretariavas alguma tola reunião do partido

mas lamentavelmente não leste charles fourier ou saberias que a civilização organizou o regime dos amores através de uma opressão generalizada & portanto de uma generalizada hipocrisia

& que com isso os machos criaram para si mesmos 76 espécies de cornos, a saber: em projeto ou antecipado, militar ou fanfarrão, arguto ou cauteloso, irreprochável ou vítima, auxiliar ou coadjuvante, transcendente ou de alto voo, federal ou coligado, etc.

lamentavelmente esqueceste o mundo antigo, companheiro, & em seu lugar não dispões de mais nada além de um planeta deserto & repleto de máquinas

& anacrônicas ideologias de classe média: tua luta foi traída pela crença no modelo tecnoburocrático do pós-guerra, último produto da cultura branca, patriarcal & militarista que há 3.500 anos traz na ponta da espada a produtividade, os metais & o estado, desde a antiga índia, creta & egito até a atual china, os estados unidos & cuba, enviando pagãos, hereges, anarquistas & outros dissidentes (a lista é longa) para cemitérios, campos de concentração ou hospitais psiquiátricos, transformando lugares sagrados em imensos presídios políticos em que se pratica a lavagem cerebral & a tortura física, como no México sob Cortez ou no Tibete sob Mao Tsé-tung, através dos imperativos do poder, do progresso & do trabalho de que teu partido é a derradeira excrescência

mas eu te perdôo, companheiro; eu te compreendo & te perdoo

porque nas minhas veias também corre sangue ariano, cultura cristã & desespero moderno

relembra agora o deus cornudo, louva a Fêmea dos Cabelos de Tranças de Serpentes, estende teu pescoço suíno sob a faca

& baixa a cabeça em homenagem à tiara de seus sete galhos

Rubens Zárte

OS ARRUACEIROS
rasgam a noite

mas o meu medo
é dos vigilantes

Sandra Santos

DESPERTAR

de repente o silêncio
nos ensurdeceu

um desejo não pronunciado
fez de si ausência
e de nós, apenas raízes
abraçadas à nudez da terra
sem verde
nem liquidez

a voz de repente se perdeu
entre destroços de perguntas
e a mudez nos arrebatou
a um estado de coma profundo:
nada no pensamento
menos ainda na boca

o cenário vazio
nos enlouqueceu de repente
e nos debatemos no íntimo
sem mover sequer um músculo
somente os dedos apontando
um rumo sonhado longe
e os olhos pousados
exatamente ali

vinha de toda parte
– do mar
dos campos
de dentro da paisagem –
um apelo para que voltássemos
(porque urgia voltar
mesmo que nem soubéssemos
ter um dia partido)

então compreendemos:
o sono/sonho nos tornara aptos
para o exercício das ruas

impossível agora
não permitir
que a mudança aconteça

Sérgio Bernardo Correa

VELHINHAS

Ovelha, ovelhinha
Quem mandou sair da linha?

Num rebanho tão obediente
Que história é essa de ser diferente?

E não é que outra segue bem animada
Atrás da ovelhinha desgarrada?

E mais uma e duas e de repente
Quantas ovelhinhas transviadas!

Lá vão as desencaminhadas
Berram velhas ovelhas, indignadas

O que querem essas danadas?
Pasmam tantas ovelhas, atordoadas

Em busca de um novo caminho
Canta a ovelha, ovelhinha:

Se essa rua se essa rua
Fosse minha

Silvana Tavano

VIV(R)E LA DIFFÉRENCE!



2002



2013

Simone Brantes

bOMBADEEFEITO
bOMBADEGÁS
bALADEBORRACHA

Zum Zois Zrês

.....
gora nos zóio
quero vê sua mira

ZOOOOOOOOOOOM

mais fácil que esculachá vadia

.....
pUTA mERDA!

Takeshi Ishihara

E AGORA?

O que faço com esse fogo no meu peito?

Fui pra avenida e ela estava vazia:

A tarifa baixou

E a polícia não bateu

Todos os amigos no facebook estavam confirmados.

Revogaram a festa da democracia

E bateu o tédio.

Brasil, eu esperava mais de você!

Será que eu devo ir caminhar agora?

Será que eu devo ir pedalar na ciclofaixa?

La révolution faire magrir

Mas isso tudo que está errado aí fora

continua fora do meu controle:

Na Turquia é que as pessoas são fortes

Lá as pessoas ficam o dia todo na praça, não como aqui

Que todo mundo volta para trabalhar.

(Pena que a novela não fez jus)

Aqui sim poderíamos nos dar ao luxo de parar de vez:

A copa haverá de manter nossos corações

E nossos investimentos crescendo

Será que devemos, juntos, ocupar as ruas?

Levar flores, sentar no chão?

Postar no instagram?

Fazer amigos é sempre tão mais fácil

Com um inimigo em comum

Tarsila Mercer De Souza

LONGO POEMA DO EMPUTECIMENTO

açúcar mascado, chiclete careado
misturei com uva passa passada no mel
mascate uma haste uma guerra as notícias
bandeira branca, pasta branca: guardados os documentos, incêndio nas gavetas
estou por fora
estou mesmo por fora
podem ficar, não me importo
essa fila enorme pra entrar no ccbb
essa fila enorme pra votar no paes
estou céu
estou
com
boa parte dos meus medos passando
pelo cristal dos seus sonhos
chão de terra batida serra da boca do mato
um tambor surrado pela mão do negro
continua ainda esticado como a primeira pele a pele de um bebê
a pele do couro firme firme
o tronco da árvore
me sinto forte como se outras eu fosse a casca da árvore, como se a mim imprimissem à
palma o som
a casca da árvore a primeira a receber o golpe, é esse o som
o som da pele eriçada a minha pele coberta da densa poeira sacudida
talvez seja a sorte
talvez seja o tempo
os pólos os olhos virados a transa da bússola
o raciocínio coberto dessa pele
a pele que protege os músculos
impede o sangue se se sangra a toda hora a todo momento
impõe o seu território: o nome o nome só o nome o jeito bailarino do que nos é
a química desesperada em fuga do estado de máquina

chão da praça da cinelândia
o dormitório as infinitas barracas a torcida jovem
vamos ficar aqui um pouquinho daqui a pouco chegam os artistas
o protesto está marcado para a vida
começa quando acordamos que é quando recomeça
minhas costas estão como as frestas das pedras portuguesas
minhas costas estão como a sobra da festa dos portugueses
vamos passar as noites aqui conversando sobre o amor
e quando a polícia chegar tentaremos fazer o nosso sexo verbal
o governador está na televisão, e não sei mesmo quem continua funcionando a
babilônia
parece que todo mundo veio, parece que vai ser agora
meu rosto está inflamado, um terço à espera do soco, o que resta para ajudar a
amortecer
não vamos redar pé
a coisa vai ficar feia
ainda dá tempo para à tarde pensar na beleza do que é misterioso

AO PICOLÉ DE CHUCHU

não és filho da puta porque a puta
[mulher decente que é]
jamais pariria um filho como tu
assassino, larápio, covarde
que morras com uma tora
ficada no cu

és tão podre e sórdido que ao
se decompor tenhas sorte
de que seja bicado por um
mísero urubu
pois tua carne chã
só serve aos vermes
que abrirão em ti
buracos
como tatu

Thiago Cervan

A BOCA do
revolver
não calará
a voz d'um
povo!

Thiago Galdino

O NÃO SINTÉTICO

Na porta tinha um vão.
Eu resisti - não,
eu disse
não.

Thiago Mattos

ESPRAIOU

*dir-se-ia um rimbaud encarnado
na coletividade. (emil cioran)*

o fogo dos amantes, que é o mesmo fogo dos deuses
gaseificando a modernidade, ruindo muros, fachadas
filosofia-poesia em ressurgência no coro da multidão
vozes subterrâneas emergem num murmúrio contínuo
é uma errância sem amarras que arrebatava toda cidade
e toma de assalto a sonolência parasitária do Estado
no horizonte desanuviado, ao abrir passagem e vãos
uma inquietude bárbara devorou o totem e o tabu
e agora, num apelo tátil e tocada pelo invisível
a vida anda espraçada, exorbitante ao intolerável

Tiago Cunha Fernandes

SOBRETAXARAM a passagem
entre as palavras terceirizadas
Especulando o valor
Dos sentidos
Na bolsa de valores
Das licitações indigentes
carentes de comunidade.
A ala das metáforas não se salvou
E um par de moedas ou trinta delas
Já não são mais que elas mesmas
– um tributo de traição –
Agora nem as alegorias fabulares
fazem mais que adágios
Aos currais, às rainhas loucas
E aos príncipes insípidos
Porque esses já não necessitam dos
Porcos disfarces para
Chafurdarem a lama da infâmia.

(Enquanto isso,
Entre o direito de ir e vir
A polícia estabeleceu seu cerco sobre
todo e qualquer querer,
com uma casa de balas, quebra-queixos e
olhos de sogra, travestindo-se de
violenta boa velhinha)

Mesmo a rima e a aliteração
Estão mimadas em prostração
Nessa ópera dos vinte vinténs
Dos 35 bilhões de menestréis
Cantando hinos nacionais
Em campeonatos ditatoriais
– interrompidos...
Pelo resto literal, a quem sobra
a cacofonia do berro
O desejo de se soltar do burro
de carga mais rico do mundo,
Para desobstruir vias que vão
De um verbo ao vendaval
Das figuras de gramática
Retórica para a destruidora
Revoltica contra gramados
Na vertigem dos sentidos que
Arranca o vagabundo dos
Furibundos,
A vingança do vinagre,
O escândalo do vândalo,
O asfalto da asfixia
Do gás lacrimogêneo,
O tumulto do vocábulo
Nulo e corrupto,
A turba da rua
Em direção ao passo inicial,
Ao passe livre.

Tiago Pinheiro

RUA, 2

Logo eu
que sempre fui um covarde
aprendi
que a rua
é feita de voltar
e que
em seu coração
estará Shiva
dançante
a destruir os pés
e renovar os passos.

Tito de Andréa

EBULIÇÃO

Época de ebulição das massas contidas
Por tanto tempo divididas
Agora vibram em uníssono som
Fórum aberto das consciências tranquilas
Coro de vozes unidas fora da programação
Espetáculo que não estava no *script*
A massa que saiu do limbo
Veio de cada ninho e partiu pra ação
Que diria meu poeta Waly Salomão?
Da Tarifa de Embarque ao preço da passagem
O homem deixa de ser uma ilha de edição
Vem correndo e se junta a outros na contramão
E num elo humano para o mundo
Corrente de vida que enfrenta o trânsito imundo.
E no país do futebol
 e da mulher pelada ao sol
Eis que surge uma gigantesca indignação
E com que perplexidade
 vejo a face da autoridade
de boca aberta e o cu na mão
não acreditam na misteriosa orientação
e que isso tudo não seja em vão!
– ouço a voz de Torquato, Oiticica e Salomão.

Vânia Borel

PRECEITUÁRIO PARA RACISTAS COM RECEITA DE REBUÇADO E CONTRARRECEITA DE ANGU

*Ogun pá
lelé pá
Ogun pá
koropá...*

(canto afro)

Quem atíça o tição
sabe do risco que corre,
sabe que ao bulir com fogo
é arriscado se queimar,
é arriscado provocar
a ebulição de quanto
há tanto vem nos enchendo
o caldeirão da paciência.

Portanto, todo cuidado
é pouco quando se atíça
o tição, quando se bole
com o fogo, pelo risco
de transformar rebuçado
em ração para a racinha
ordinária dos racistas.

Quem atíça o tição
sabe muito bem do risco
de atear fogo em tudo,
sabe que, ao provocar
a ebulição da massa
é arriscado explodir
o angu em todo mundo;

sabe que, súbito, tudo,
tudo pode ficar preto
& vermelho, como queiram,
num belíssimo incêndio,
um incêndio inusitado.
Pois quem atíça o tição
atira mais lenha aos sonhos
que nos abrasam, braseiro
oculto sob o borralho
dessa vida borralheira.

Waldo Motta

CAMINHANDO sobre a linha tênue. O fio da navalha. Na verdade o que importa de que lado você estará depois que cortarem sua garganta. Na corda do bêbado equilibrista vou sambando com a maré batendo em meu peito. "Quem tiver de sapato não sobra".

Walter Figueiredo



Wladimir Cazé

PAPILAS são pra sabores
nem por cem pilas
me falem de jaboires

Zeca Lembaum

Pós-epígrafe:



Foto: Eduardo Sterzi



2013